



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LUCIANA FERREIRA CAVALCANTI

**ALUNO-LEITOR E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO LITERÁRIO
À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

LUCIANA FERREIRA CAVALCANTI

**ALUNO-LEITOR E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO LITERÁRIO
À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

376 Cavalcanti, Luciana Ferreira

Aluno-leitor e a construção de sentido do texto literário à luz da estética da recepção [manuscrito] / Luciana Ferreira Cavalcanti. - 2014.

77 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014. "Orientação: Prof. Me. Adalberto Teixeira Rodrigues, Departamento de Letras e Artes".

1. Ensino de Literatura 2. Leitura 3. Ensino Médio 4. Prática de Ensino I. Título.

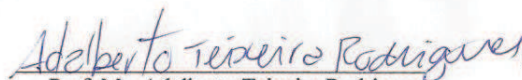
21. ed. CDD 372.4


LUCIANA FERREIRA CAVALCANTI

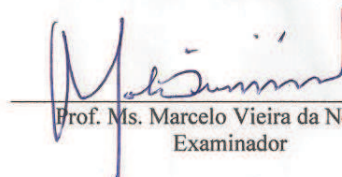
**ALUNO-LEITOR E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DO TEXTO LITERÁRIO
À LUZ DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em 26/02/14


Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues
Orientador Nota: 8,0


Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues
Examinador Nota: 8,0


Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nóbrega
Examinador Nota: 8,0

Média: 8,0

DEDICATÓRIA

À minha maravilhosa mãe, Francisca Ferreira Cavalcanti, pelo amor, paciência, apoio e compreensão, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, por seu infinito amor. Sem Ele nada sou. Mesmo sem merecer Ele jamais me abandona. Minha gratidão a minha Mãe Maria Santíssima por interceder ao bom Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho e por manter a minha fé sempre acesa nos momentos mais difíceis.

Ao meu pai Geraldo Cavalcanti Marinho (*in memoriam*). Embora fisicamente ausente, posso sentir sua presença alegrando-se por esta conquista em minha vida.

À minha amada mãe, Francisca Ferreira Cavalcanti, sempre presente, confiante e dedicada, acreditando em meu potencial. Mesmo quando vacilo, é através de seus gestos que posso vivenciar o amor e o cuidar de Deus em minha vida. Agradeço pela inteira doação, pelas inúmeras noites de sono perdidas e principalmente pelo desprendimento e renúncia dos seus próprios sonhos para que eu pudesse realizar os meus. Hoje sorrimos e choramos emocionadas por mais essa vitória em minha existência. Minha eterna gratidão por todos esses anos que tens sido, minha mãe e meu pai.

Ao professor Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues que dedicou muito do seu tempo me orientando, compreendendo minhas limitações e ajudando-me nas minhas dificuldades. O compartilhamento das suas experiências capacitou-me profissionalmente. Sou grata por sua dedicação, mas agradeço principalmente por ter me preparado para superar os desafios da escola da vida. São poucos os professores que conseguem ensinar aos seus alunos a arte do bem viver.

Aos demais professores do curso de Letras que durante esses anos compartilharam seus conhecimentos conosco, dedicando seu tempo antes, durante e depois das aulas, tudo isso para que nos tornássemos profissionais capacitados e competentes. Através de seus ensinamentos vocês ultrapassam os limites do profissional ensinando-nos a boa conduta, o caráter e o exemplo.

Aos meus colegas de turma pelas agradáveis lembranças, pelos inúmeros momentos de alegria e por todos os conhecimentos que compartilhamos juntos, vocês me ensinaram a respeitar as pessoas que possuem pensamentos diferentes dos meus. Essas lembranças ficarão para sempre guardadas em meu coração.

Aos amigos Givanildo e Claudenir Macário, pelo carinho, amor e atenção que vocês têm me proporcionado nesses anos de convivência, me sinto filha de coração desta família. Aprendi

com vocês que os planos de Deus podem demorar um pouco para se concretizarem, mas este dia sempre chega.

Às minhas amigas Ângela Stella e Mabel que enxugaram por muitas vezes as lágrimas que escorriam pelo meu rosto e me mostraram através do carinho materno que a vida é um presente que Deus nos concede todos os dias.

Ao meu amigo Geovanio Lima que, mesmo distante, se faz presente em minha vida, reconstruindo meus sonhos, me indicando os caminhos e as estradas quando me perco e me mostrando sempre motivos para recomeçar.

A todos da família Oxford, nas pessoas de Rosângela Aquino, Adriana Souto, Ithyara Meneses e Luciana Guimarães, por entender meus momentos de angústia e de desânimo, me aconselhando e auxiliando sempre que precisava. Suas palavras e seus sorrisos foram armas para essa vitória.

Aos meus amados Alandec Duarte, Romênia Santos, Ismaela Saionara, Felipe Guedes e Mairla Raposo por todas as orações que têm nos mantido em conexão, mesmo que distante geograficamente, somos e seremos sempre irmãos pela fé.

Agradeço a todos que, mesmo não tendo mencionado, contribuíram para minha formação e para a conclusão desta etapa bastante significativa em minha vida.

“Há três classes de leitores: o primeiro, o que goza sem julgamento, o terceiro, o que julga sem gozar, o intermediário, que julga gozando e goza julgando, é o que propriamente recria a obra de arte.” (JAUSS, Hans Robert. Carta a J. F. Rochlitz, de 13 de julho de 1819; W A IV, v.31, p.178. Tradução de Luiz Costa Lima e Peter Naumann, Revisão técnica de Heidrum Krieger)

RESUMO

Pensando no ensino de Literatura voltado para interação e diálogo entre o aluno-leitor e o texto, bem como o efeito, a recepção, a detecção de Intertextualidades e a postura crítica encontrada em determinados estudantes do Ensino Médio, o presente estudo relata algumas atividades desenvolvidas, referente ao ensino de Literatura, durante o nosso período de Estágio Supervisionado IV que ocorreu no ano de 2011.2, em uma escola da rede pública na cidade de Campina Grande – PB. Adotamos como arcabouço teórico, referente ao ensino de Literatura dentro da sala de aula, os estudos de COSSON (2006), CARVALHAL (2006), COLOMER (2007), os Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN- (2006) e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio na Paraíba (2006), que apresentam uma metodologia interativa e prazerosa no que concerne ao supracitado ensino, não o observando apenas como um componente a ser cumprido na grade curricular escolar. Para fundamentar as discussões, realizadas pelos alunos na sala de aula, utilizamos os estudos de ISER (1979), JAUSS (1979), JOUVE (2002) e COSTA (2011) que refletem sobre a Estética da Recepção e suas contribuições para a construção de sentidos obtidos na leitura de um texto, partindo das experiências leitoras e das visões de mundo que cada indivíduo possui. O *corpus* é composto pelas anotações das discussões realizadas na sala de aula e uma atividade de escrita executada pelos nossos estudantes, referente aos textos “Viagem a São Saruê” (cordel), “Vou-me embora pro passado” (poema matuto), “Vou-me embora pra Pasárgada” (poema), e a música “Além do Horizonte”, de Manuel Camilo dos Santos, Jessier Quirino, Manuel Bandeira, Roberto Carlos e Erasmo Carlos, respectivamente. Observamos que a proposta desenvolvida permite não apenas uma maior interação entre o aluno e os textos literários, mas também transforma as aulas de Literatura em um momento propício para uma prática de leitura literária prazerosa.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Prática de Ensino. Intertextualidade.

ABSTRACT

Thinking about literature teaching towards the interaction and dialogue between reader-learner and the text as well the effect, reception, detection of the intertextualities and the critical position presented by some High School students, this article introduces some activities developed, concerning the teaching of Literature, at our Supervised Training IV which occurred in the 2011.2 semester in a public school in Campina Grande city, Paraíba state. The theoretical framework which this study is based on refers to literature teaching in the classroom whose studies by COSSON (2006), CARVALHAL (2006), COLOMER (2007), the National Curricular Parameters - PCNs (2006) and the Curricular Benchmarks for the High School in Paraíba (2006) feature an interactive and pleasant methodology referring to the aforementioned study without only observing it as a required subject to be fulfilled in the school curriculum. To justify the discussions achieved by the students at classroom were used ISER (1979), JAUSS (1979), JOUVE (2002) and COSTA's (2011) studies which reflect on the Reception's Aesthetics and its contributions to the meaning construction obtained from the text's reading that come of their previous reading experiences and world vision which each subject has. The article's *corpus* is composed the notes of the discussions in the classroom and a writing activity performed by our students, regarding the texts "Trip to Saint Sarue" (cordel), "I'm leaving to the past" (yokel poem), "I'm leaving to Pasargada" (poem) and the music "Beyond the horizon" by Manuel Camilo dos Santos, Jessier Quirino, Manuel Bandeira, Roberto Carlos e Erasmo Carlos, respectively. It is observable that the developed proposal allows not only a major interaction between learners and literary texts but also change the literature classes into a pleasant and joyful moment for the reading practice.

Key words: Reception's Aesthetics. Teaching practice. Intertextuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO I

1. REFLEXÕES TEÓRICAS.....	15
1.1 Estética da Recepção e Leitura Literária.....	15
1.1.1 Hans Robert Jauss: Estética e Historicidade.....	16
1.1.2 Wolfgang Iser: jogo entre leitor e obra.....	19
1.2 Leitura literária na sala de aula: um desafio a ser enfrentado.....	23
1.2.1 Colomer: o papel da leitura dentro do contexto escolar.....	23
1.2.2 PCN e RCEM: documentos que orientam o professor em seu trabalho.....	25
1.2.3 Cosson e Carvalhal: as leituras literárias e os LDP.....	27

CAPÍTULO II

1. ANÁLISE DE DADOS.....	30
1.1 Caracterização do ambiente e dos sujeitos da pesquisa.....	30
1.2 Primeiro momento: o questionário.....	31
1.3 Segundo momento: a declamação.....	33
1.4 Terceiro momento: a entonação.....	37
1.5 Quarto momento: a releitura.....	41
1.6 Quinto momento: a descoberta.....	43
1.7 Sexto momento: a proposta de atividade e a intertextualidade.....	47
1.8 Sétimo momento: um novo recurso - a música.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS.....	59
APÊNDICES.....	64

INTRODUÇÃO

Independente da área ou componente curricular que seja ministrado, o educador tem por objetivo despertar no estudante a capacidade de debater, discutir e realizar atividades que possam estimular o desenvolvimento intelectual de cada aluno. O compartilhamento dos conhecimentos entre as esferas professor-aluno e aluno-professor deve ser uma das principais tarefas a ser realizada dentro do contexto escolar, pois, dessa maneira, o processo de ensino-aprendizagem obterá resultados satisfatórios.

Entretanto, a realidade presenciada atualmente dentro do contexto escolar causa espanto em qualquer graduando que se encontra inserido no meio acadêmico, como também nos recém-graduados que saem desse universo repleto de teorias e conceitos sobre ensino-aprendizagem. Pensando nisso, o presente estudo foi realizado devido à experiência escolar, à qual fomos submetidos no período de Estágio Supervisionado IV; deparamos-nos com um cenário de estudantes desmotivados quando o assunto era leitura de textos e obras literárias. Assim, baseado nesta experiência surgiu a inquietação em relatar e analisar as observações que elencamos durante esse período de inserção na sala de aula.

Restringimos o nosso relato apenas à prática docente do ensino de Literatura, por observar que as atividades de leitura e compreensão de textos literários têm se tornado cada vez mais difícil de serem realizadas pelo alunado do Ensino Médio atualmente. Ler, sentir e interpretar um poema, um conto, uma novela ou um cordel, por exemplo, é considerado pela maioria dos estudantes um exercício impossível de ser efetuado. Deste modo, o grande desafio enfrentado pelo professor de literatura, dentro do contexto escolar, é poder ministrar uma aula estimulante, que mobilize e também propicie uma aprendizagem envolvente e prazerosa aos estudantes.

Trabalhar os textos literários dentro do contexto escolar deve ser uma atividade que motive os estudantes de maneira dinâmica, interativa e prazerosa, compartilhando as experiências vividas e o universo social que os cerca, pois é assim que argumentam os Parâmetros Curriculares Nacionais e os Referenciais Curriculares estaduais que servem de suporte para orientar os educadores na construção de uma aula envolvente. Os PCN e o RCEM oferecem uma nova possibilidade de trabalhar as obras literárias na sala de aula, propondo o abandono do estudo fracionário das obras, ou seja, os fragmentos; e incrementando, se possível,

o estudo de toda a obra literária, levando os alunos a terem contato com o texto por completo. Outro fator elencado pelos documentos oficiais é iniciar a leitura por textos contemporâneos e próximos da vivência e realidade do aluno, para que assim eles conheçam e possa compartilhar do universo tratado e só após este primeiro contato é que se devem realizar leituras de obras de séculos passados. Nesse sentido, cabe ao professor elaborar métodos que facilitem esse processo de leitura, pois só assim o estranhamento é diminuído e o prazer pela leitura fará parte da atividade leitora do aluno.

Segundo COLOMER (2007) devemos proporcionar aos nossos alunos um ensino literário cada vez mais ativo e relacionado com o universo vivenciado pelo indivíduo, pois assim os alunos poderão se encontrar com a literatura em qualquer momento, sem restrição de tempo ou espaço, transformando a ideia que nosso alunando possui de que toda aula de literatura tende a ser monótona e pouco instigante. Dessa maneira, o papel do professor é levar o aluno-leitor a analisar o texto, poema, conto, romance, entre outros, como um universo repleto de significados a serem descobertos. Assim, para fundamentar este trabalho utilizamos com referenciais teóricos sobre o ensino de literatura no Ensino Médio, os estudos de COLOMER (2007), COSSON (2006), CARVALHAL (2006), os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (2006) e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio na Paraíba – RCEM – (2006).

O presente estudo é uma pesquisa-ação e utilizamos para sua realização uma análise de campo, exploratória com coleta e estudo de dados de natureza qualitativa. O universo explorado na coleta de informações foram alunos da rede pública estadual, respectivamente, estudantes do 1º ano “A” do Ensino Médio noturno, matriculados na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Utilizamos como material para essa coleta de informações, um questionário de sondagem referente às práticas de leitura e escrita dos referidos discentes, anotações acerca das discussões realizadas na sala de aula sobre os textos “Viagem a São Saruê” (cordel), “Vou-me embora pro passado” (poema matuto), “Vou-me embora pra Pasárgada” (poema), e a música “Além do Horizonte” respectivamente, de Manuel Camilo dos Santos, Jessier Quirino, Manuel Bandeira, Roberto Carlos e Erasmo Carlos, além de uma atividade escrita executada pelo nosso público-alvo. A presente pesquisa torna-se relevante tanto para as instituições escolares de Ensino Médio, como para o público acadêmico

responsável pela formação de futuros docentes, visto que esse quadro é uma realidade vivenciada pela maioria das escolas atualmente.

O intuito principal do nosso trabalho de pesquisa foi apresentar que a fruição perante a leitura de um texto literário é possível, inserindo no nosso alunado uma nova maneira de ler e interpretar uma obra. Escolhemos como temática para as aulas do nosso estágio o tema “fuga da realidade”; para iniciarmos nossas atividades trabalhamos a leitura de um gênero literário que permeia os estados da região Nordeste, a Literatura Popular, precisamente o cordel e o poema matuto. As obras foram escolhidas tendo em vista que o nosso público-alvo são alunos do Ensino Médio da rede pública da cidade de Campina Grande- PB. Este tipo de literatura encontra-se em bastante evidência devido à inserção dessas obras nos processos seletivos (vestibulares) realizados pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – a qual vem apresentando como leitura obrigatória obras desse gênero.

A Literatura Popular, a exemplo o cordel, pode ser encontrada nas bancas de jornal e revista por um preço bastante acessível e trata de maneira divertida e lúdica questões relacionadas com a sociedade em que vivemos. A intenção de manter uma proximidade entre texto e leitor através da leitura integral da obra, coloca o leitor no centro da experiência, visto que a presença deste é importante na discussão do texto literário. Em virtude disso escolhemos tais textos porque eles se apresentam em um contexto vivenciado pelos nossos alunos.

Sabemos que no ato da leitura acontece o cruzamento das perspectivas vivenciadas pelo indivíduo e que através do seu conhecimento prévio, ele estabelece ligações com os horizontes expressos na obra, isso porque durante a realização de uma leitura há no indivíduo o despertar de lembranças, sejam elas de obras lidas anteriormente, seja de conversas e experiências compartilhadas, que vão sendo incorporadas ao texto que está sendo lido. É esse cruzamento, bem como a recepção e o efeito que determinada obra causa no leitor, que inúmeros significados são produzidos.

Observamos que uma obra ao ser lida suscita no leitor expectativas emocionais que antecipam uma compreensão do texto, baseada nos conhecimentos prévios de mundo que todo indivíduo possui. Essa compreensão torna a recepção do texto um fator social, isso porque o homem encontra-se inserido em uma sociedade e a interpretação de uma obra reflete as reações pessoais daquele indivíduo inserido no seu contexto social.

Pensando nisso, elencamos a teoria da Estética da Recepção como base para as discussões de nossas análises, pois ela é uma perspectiva que defende a ideia supracitada. Para fundamentar os casos que concernem este estudo escolhemos os estudos JAUSS (1979) e ISER (1979) que trouxeram um novo olhar para as análises dos textos literários no final da década de 60, período em que teorias tidas como verdades absolutas foram reavaliadas e modificadas. Também, nesta perspectiva, utilizamos os estudos de JOUVE (2002) e COSTA (2011) com o intuito de também fundamentar as interpretações apresentadas pelos alunos.

Considerando esses aspectos supracitados, temos como objetivo desta pesquisa-ação registrar e analisar algumas reflexões apresentadas pelos alunos durante o período de Estágio Supervisionado IV, que aconteceu nos meses de setembro a novembro de 2011.2, mostrando os resultados obtidos através do diálogo estabelecido e executado entre aluno-leitor e o texto literário. Outra finalidade do nosso trabalho é reforçar o papel da escola e do professor-educador na formação de indivíduos abordando o texto literário como uma ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem do indivíduo. Por fim, aspiramos que os referidos resultados encontrados neste estudo possam fomentar novas ideias e projetos referentes ao processo de ensino-aprendizagem nas vivências dos alunos com o texto literário.

CAPÍTULO I

1 REFLEXÕES TEÓRICAS

1.1 Estética da Recepção e Leitura Literária

Ao iniciarmos uma leitura sempre surge um universo de expectativas que permeia a obra, sejam elas, questionamentos, dúvidas e/ou impressões que começam a ser elencadas durante as primeiras linhas de qualquer texto; essas primeiras perguntas e impressões são peças importantíssimas para que o leitor torne-se parte integrante da leitura e desfrute de forma prazerosa desta atividade repleta de descobertas. A grande meta do professor é inserir no universo dos estudantes textos e obras literárias que tenham por objetivo provocar nos alunos-leitores esses fenômenos, despertando o prazer desafiante que a leitura oferece.

Proporcionar uma aula de literatura na qual os alunos tornem-se protagonistas da discussão não é muito simples. Entretanto, não chega a ser impossível, mas exige muita dedicação do docente. O professor deve apresentar aos alunos as obras e/ou os textos com dinamismo, entusiasmo, utilizando estratégias que despertem além da curiosidade do indivíduo a criticidade em relação ao tema abordado. Para isso, ele deve elencar primeiramente argumentos convincentes que provoquem aquela leitura utilizando recursos que envolvam o aprendiz na construção dos significados; uma alternativa seria incitá-lo a comparar a leitura apresentada com os problemas ou situações vivenciadas no seu contexto social e após essa comparação estimulá-lo a discutir acerca da temática apresentada através de debate na sala de aula. Assim, o processo de inter-relacionamento entre o aluno-leitor e o texto culminará não apenas em um envolvimento maior entre eles, mas também produzirá alunos reflexivos que possuem capacidade de defender suas opiniões.

A leitura não deve apenas trazer uma agradável sensação de prazer, mas também precisa impulsionar os discentes à reflexão sobre o que está sendo lido, fazendo-os interpretar, criticar, questionar e discutir o que lhes foi apresentado, pois só assim o indivíduo deixará de assumir o papel de um espectador passivo para tornar-se um autor de argumentos, opiniões e conclusões que servirão de base para o seu processo de formação intelectual. Como sabemos durante o processo de leitura são despertadas impressões individuais que, por diversas vezes, nos fazem

regressar para tempos passados ou nos transportar para o futuro, sempre comparados com o presente. Ao iniciarmos uma leitura ela sempre nos causa um determinado efeito e sempre é recepcionada de forma particular por cada indivíduo, fazendo-nos desenvolver a capacidade de sermos autores de pensamentos e opiniões.

Efeito e recepção são dois elementos que permeiam o processo de leitura, pois são esses dois pontos que o leitor elenca, mesmo sem perceber, quando está lendo. Quem, nunca se sentiu afetado por um determinado texto ou obra após sua leitura? Quem, ao efetuar a leitura de um determinado texto, não o recepciona de maneira particular sempre tentando fazer alusão a outros textos ou a momentos vivenciados? Essa relação entre efeito e recepção é o que nos impulsiona e nos envolve nas linhas de um romance, conto, crônica, poema, artigo ou outro texto. Quando tratamos de efeito e recepção uma teoria vem embasar nossas argumentações, a Estética da Recepção, teoria difundida por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que são considerados os precursores deste estudo, obtendo, assim, bastante destaque quando o assunto é a relação estabelecida entre autor/texto/leitor.

1.1.1 Hans Robert Jauss: Estética e Historicidade

A Estética da Recepção teve início na Alemanha no final da década de 60, precisamente no ano 1967, quando Jauss apresentou em uma palestra na Universidade de Constança suas reflexões acerca dos métodos de ensino utilizados durante as aulas de literatura. Segundo Costa (2011), a crítica apresentada por Jauss em sua palestra referia-se às duas formas de classificação adotadas pela teoria literária referente aos estudos das obras: uma concentrada no estudo das obras individuais dos autores, sempre obedecendo a uma sequência cronológica (o que Jauss chama de “esquema de vida e obra”); e a outra se resumia ao estudo dos autores pertencentes ao cânone da literatura, o que impedia a descoberta e o reconhecimento de novos autores.

Jauss argumenta que os critérios de qualificação e categorização de uma obra literária ultrapassam os limites do estudo individualizado e o privilégio dado ao cânone, afirmando que

a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade. (COSTA, 2011, *apud* JAUSS, 1979, p.8).

Assim, a historicidade literária não está centrada no registro biográfico e nem cronológico das obras, mas sim nos efeitos elencados na leitura de um texto pelo seu destinatário. Essa historicidade é instável, ela sofre variações constantes, isso porque cada leitor reconstrói novos horizontes durante o processo leitura que dependerá das experiências individuais e coletivas de mundo, de seus padrões ou princípios culturais e sociais que cada pessoa possui. Com esta nova vertente, o leitor é colocado em um lugar de prestígio. Ele assume o papel de protagonista na leitura de um texto, ou seja, o destinatário passa a ser visto como parte integrante da obra literária, um co-participador da produção de significados e sentidos adquiridos durante e após o processo de leitura.

Durante essa relação intrínseca o indivíduo “pode ser afetado pelo que se representa identificar-se com as pessoas em ação, dar assim livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa, como se participasse de uma cura (*katharsis*)” (JAUSS, 1979, p 87). A atividade de leitura passa a ser observada pelo indivíduo como algo prazeroso, destacando ativamente a protagonização do leitor tanto na aproximação que ele estabelece com a história e os personagens, como na construção e obtenção dos resultados finais de um texto, a sua interpretação. A partir dessa nova concepção, o leitor assume um novo papel dentro do processo de leitura. Ele deixa de ser um espectador passivo para tornar-se um protagonista, fruindo de tal maneira até que possa sentir gosto e prazer pelo que lê. Baseado nesta nova valorização do leitor, Jauss (1979) apresenta três categorias essenciais para que a fruição aconteça por parte do receptor perante uma obra literária: a *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*.

Baseado em Jauss (1979) a *Poiesis* foi um conceito estudado por diversos filósofos a exemplo de Aristóteles e Hegel. Dela podemos inferir que durante o processo de leitura o indivíduo pode satisfazer-se de tal maneira a colocar-se em outra dimensão, por exemplo, transportar-se para o seu mundo interior ou continuar nas dimensões reais em busca da criação artística da obra, mas em ambos os universos ele tornar-se parte integrante do que está lendo até transformá-lo em sua obra, efetivando o que Jauss denomina de “prazer ante a obra que nós

mesmos realizamos”. No plano da *Aisthesis*, podemos entender que o prazer estético encontra-se relacionado com a percepção renovadora que o indivíduo tem ao deparar-se com o objeto em análise, renovando ou ampliando sua percepção perante o horizonte de expectativas apresentados na obra.

A terceira categoria nomeada *Katharsis*, designa a capacidade que o indivíduo possui de transformar as concepções de mundo e de vida ante a obra apresentada, o prazer vivenciado pelo indivíduo libertando-o de suas “convicções”, levando-o ao prazer da liberdade de julgamento estético que ele possui ao deparar-se com o texto. Em suma, Jauss (1979, p. 102) afirma, de forma expositiva, a seguinte tese a respeito dessas categorias,

resumo esta exposição na tese seguinte: a conduta do prazer estético, que é ao mesmo tempo libertação *de* e liberação *para* (grifos do autor) realizar-se por meio de três funções: para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra[...]; para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar a sua percepção, tanto na realidade externa quanto da interna[...]; e por fim, para que a experiência subjetiva se transforme em inter-subjetiva, pela ausência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicitadas.

Todavia, essas categorias da experiência estética não devem ser vistas de maneira hierarquizadas. Elas devem relacionar-se de forma subordinada, mantendo relação uma com a outra, estabelecendo assim uma inter-relação sequenciada, pois só, assim, quando um indivíduo deparar-se com uma obra poderá usufruir desta experiência estética mantendo o caráter prazeroso da leitura. Assim,

quando o leitor contemporâneo ou as gerações posteriores receberem o texto, revelar-se-á o hiato quanto à *poiesis* (grifo do autor), pois o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compusera a obra: a obra realizada desdobra, na *aisthesis* (grifo do autor), e na interpretação sucessivas, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassa o horizonte de sua origem. A relação entre *poiesis* e *katharsis* (grifos do autor), tanto pode se dirigir ao destinatário, que deve ser persuadido ou ensinado pela retórica do texto, quanto remeter ao próprio produtor. (JAUSS, 1979, p.102)

Observamos que a presente teoria expressa um universo de liberdade referente ao leitor que até o momento ainda não havia sido proporcionado. Jauss não desconsidera as teorias

marxista, formalista e estruturalista; ele apenas reformula alguns conceitos sobre a recepção, dando ao receptor o direito de ser autônomo diante de uma obra, isso porque quando um texto ou obra é escrito, o próprio autor desconhece os significados que o destinatário poderá inferir após a sua leitura. O leitor é um indivíduo pensante e atuante de uma sociedade e suas interpretações e os múltiplos significados encontrados na leitura serão um reflexo de suas experiências de mundo, de situações passadas e do cotidiano atual no qual está inserido.

1.1.2. Wolfgang Iser: jogo entre leitor e obra

Outro estudioso que se destacou paralelamente no estudo da Estética da Recepção foi Wolfgang Iser. Diferente de Jauss que centrava sua atenção na relação entre a obra literária e a recepção pública ou coletiva dada ao texto, Iser detinha suas observações nos efeitos que a leitura produzia sobre o leitor. Segundo Iser, durante a leitura de um texto, acontece um jogo entre autores e leitores e o lugar onde acontece esse jogo é o próprio texto. Isso porque o texto é composto por um universo de significados ainda não vivenciados pelo leitor, fator que o incentiva a enveredar por esse mundo desconhecido na busca da sua interpretação.

Durante a leitura de um texto alguns elementos são utilizados para movimentar o leitor dentro da obra, envolvendo-o no jogo até sua finalização. Por exemplo, temos a Extratextualidade, Intratextualidade e Relação texto/leitor, que auxiliarão no resultado final do jogo textual que é a interpretação. São exatamente esses elementos que vão constituindo os “espaços vazios” (nomeados assim por Iser) que levarão o receptor a obtenção dos resultados, sendo elos de conexão entre o texto e o leitor, transformando, assim, o leitor em um co-participador do texto, através do entendimento e da obtenção dos significados da obra.

Para o autor, o texto literário possui peculiaridades indispensáveis para realização do jogo. Segundo Iser (1979), o texto literário pode ser descrito em três níveis: o estrutural, o funcional e o interpretativo; o nível “estrutural visará mapear o espaço; o funcional procurará explicar sua meta e o interpretativo perguntar-se-á por que jogamos e porque precisamos jogar” (ISER, 1979, p.109). Ou seja, o primeiro ao relacionar o mapeamento do texto provocará os espaços de movimentação de idas e vindas durante a leitura; o segundo se relacionará com a explanação funcional da meta (o seu fim prático) e o terceiro se pauta na necessidade da realização do jogo entre os elementos autor/texto/leitor.

Segundo Iser (1979), no nível estrutural dois elementos vão interferir na obtenção dos significados de um texto: o *significante fraturado* e os *esquemas*. Ao realizar uma leitura, o indivíduo inconscientemente coloca dentro do jogo o *significante fraturado*, que é a invocação que o leitor faz de alguma coisa ainda não estabelecida pelo texto, mas criada mentalmente por ele, que o autoriza a estabelecer uma maneira mais fácil de compreender o que está sendo lido. O *significante fraturado* ao movimentar-se no jogo do texto é transformado em

uma matriz para o duplo significado, que se manifesta no análogo como interpenetração mútua das funções denotativa e figurativa. Em termos do texto, o análogo é um “suplemento” (grifo do autor); em termos do receptor, é a pauta que o habilita a conceber o que o texto esboça. Mas, no momento em que isso se torna concebível, o receptor tenta atribuir significado ao “suplemento” (grifo do autor) e todas as vezes que isso suceda o texto é traduzido nos termos à disposição do leitor individual, que encerra o jogo de *significante fraturado* ao bloqueá-lo com um significado. (ISER, 1979, p. 110-111).

Dessa forma, as significações do leitor para uma determinada obra surgem da estrutura textual a partir da transformação do texto em um objeto estético, deixando este de ser um simplório artefato artístico.

Iser (1979) reporta-se a Piaget para explicar os *esquemas* na teoria do jogo. Este elemento consiste no resultado alcançado através do esforço de adaptação ao meio no qual estamos inseridos, sendo os esquemas responsáveis pela capacitação que temos em acomodar e também assimilar os objetos (objetos nesse contexto entendido como o texto literário) segundo as nossas próprias tendências. Quando acomodamos os objetos, ou seja, quando apenas os copiamos, entendemos que o espaço do jogo encontra-se fechado. Entretanto, quando ocorrer à inversão e o esquema perde sua função de acomodação impondo uma forma sobre o que está ausente, passando a assimilar o objeto, o esquema passa a ser assimilativo e o objeto modela-se baseado nas nossas necessidades.

Esses jogos de idas e vindas permitem ao leitor alcançar seu objetivo durante a leitura de um texto que é a obtenção de um significado. Dessa forma, o jogo do texto passa a ser compreendido e visto pelo leitor como algo no qual ele é o ator protagonista dos significados da obra e não um mero espectador. Seu envolvimento no preenchimento das lacunas faz com que o leitor possa executar sua parte na construção e criação da obra literária. Iser (1979) utiliza-se das

quatro estratégias básicas da teoria dos jogos para basear sua argumentação. São elas: *agon*, *alea*, *mimicry* e *ilinx*, fundamentando-as e redefinindo-as para aplicação no texto literário apresentando a seguinte análise:

1. Agon é uma luta ou debate e é o padrão comum de jogo quando o texto se centra em normas e valores conflitivos. O debate envolve uma decisão a ser tomada pelo leitor em relação a estes valores contrários, que se mostram internamente em colisão.
2. Alea é um padrão de jogo baseado na sorte e na imprevisibilidade. Sua proposta básica é a desfamiliarização, que é alcançada pela estocagem e condensação de diferentes textos, assim despojando de significado os seus segmentos respectivos e identificáveis. Pela subversão da semântica familiar, ele atinge o até então inconcebível e frustra as expectativas guiadas pela convenção do leitor.
3. Mimicry é um padrão de jogo designado para engendrar ilusão. O que quer que seja denotado pelo significante ou pronunciado pelos esquemas deveria ser tomado como se fosse o que diz. Há duas razões para isso: (a) quanto mais perfeita é a ilusão, tanto mais real parece o mundo que pinta; (b) se, no entanto, a ilusão é perfurada e assim se revela o que é, o mundo que ele pinta se converte em um espelho que permite que o mundo referencial fora do texto seja observado.
4. Ilinx é um padrão de jogo em que as várias posições são subvertidas, recortadas, canceladas ou mesmo carnavalizadas, como se fossem lançadas umas contra as outras. Visa fazer ressaltar o ponto de vista dos fundos das posições assumidas no jogo. (ISER, 1979, p.113)

Assim, podemos observar que *Agon* está relacionado com a decisão que deve ser tomada pelo leitor ao deparar-se com um texto que apresente conflitos normativos e valores; *Alea* relaciona-se com o acúmulo dos diversos textos bem como os significados obtidos com a leitura dos mesmos, fazendo com que o leitor frustre suas expectativas convencionais; *Mimicry* refere-se à ilusão encontrada durante a leitura de um texto, tal ilusão permite ao leitor observar as revelações imaginadas por ele, bem como o seu real no objeto; e por fim, *Ilinx* estabelecida pelos diversos posicionamentos assumidos pelo leitor durante o jogo do texto.

Segundo Iser (1979), essas estratégias se combinam e recombinaem inúmeras vezes, e cada uma assumirá seu papel particular no jogo, resultando em uma duplicidade que o autor caracteriza como intrínseca, pois além de representar o que pretende projetar, também necessita de controle sobre a meta a qual teve a intenção de realizar, sendo que essa duplicidade será regulada por diferentes regras. Em se tratando dos estudos dos textos, essas regras foram classificadas pelo autor como *reguladoras* e *aleatórias*. Aquelas “funcionam baseadas nas

convenções” (ISER, 1979,p.114), enquanto estas “liberam o que tenha sido restringido pelas convenções” (ISER, 1979.p.114). Portanto, esses processos, movimentos e transformações são inerentes ao texto literário; e os desdobramentos e as interconexões são aguçados pela fruição imaginativa do leitor/receptor, pois tanto o jogo influencia o leitor/receptor como o mesmo é influenciado pelo jogo. A respeito da relação dos elementos mencionados até o presente momento o autor faz a seguinte afirmação:

o significante fraturado e os esquemas abrem o espaço do jogo do texto. O movimento para trás e para diante é dirigido por quatro estratégias básicas de jogo: *agon*, *alea*, *mimicry* e *ilinxs* (grifos do autor). Essas, de sua parte, podem ser submetida a inúmeras combinações, que daí se converte em papéis. Os papéis são bifaces, com uma representação inevitavelmente escapando por sombreamentos incontroláveis. Os jogos resultam de papéis podem ser produzidos de acordo com regras reguladoras, que fazem o jogo basicamente conservador, ou de acordo com regras aleatórias, que o fazem basicamente inovador. Todos esses traços estruturais fornecem uma armação para o jogo. Assinalam tanto os limites e as áreas livres de jogo, assim representando as pré-condições para “suplementos” (grifos do autor) – na forma de significado –, assim como para que esses “suplementos” (grifos do autor) sejam ludicamente desfeitos. Há assim um movimento de contrabalanço em que o jogo se empenha por um resultado e o jogo livre rompe com qualquer resultado alcançado. (ISER, 1979.p.114-115)

Partindo-se dessas prerrogativas estudadas por Iser observamos que durante o jogo estabelecido pelos leitores na realização da leitura de um texto, vai acontecendo um processo de transformação, sem perda e nem ganho, mas com os desdobramentos dos elementos interconectados (significante fraturado, esquemas, estratégias do jogo e suas regras) até chegar à fruição total por parte do destinatário, pois “quanto mais o leitor é atraído pelos procedimentos a jogar os jogos do texto, tanto mais é ele também jogado *pelo texto*” (ISER, 1979.p.115). Assim, podemos inferir que a leitura é uma experiência enriquecedora, uma ferramenta que produz durante seu ato a recriação, diversão e inter-relações receptivas e ativas entre o texto e o leitor, e essas relações influenciam não apenas o debate literário, mas também pessoal e consequentemente o social dos indivíduos.

1.2 Leitura literária na sala de aula: um desafio a ser enfrentado

Uma das questões mais delicadas que o professor de literatura tem enfrentado nas escolas de Ensino Médio, é, sem dúvida, a efetivação do texto literário como objeto de estudo e de recepção agradável aos alunos. É notório o repúdio por parte dos estudantes à prática de leitura, e ao se tratar de textos literários a tarefa torna-se cada vez mais árdua para os docentes, pois estimular e mediar a leitura de determinadas obras dentro da sala de aula é um trabalho muito difícil.

É comum nos depararmos com frases típicas vindas dos nossos estudantes: “Aula de Literatura é chata!”, ou “Eu não consigo entender nada que o autor disse no poema/texto!”, ou ainda “Os autores usam palavras muito complicadas e fica tão chato ler professor (a)!”; essas são apenas algumas das inúmeras afirmações proferidas pelos alunos dentro das turmas atualmente. Em determinados momentos, os alunos chegam a bloquear o trabalho realizado pelos professores, que tentam apresentar uma aula interativa e dinâmica, na qual os estudantes assumam o lugar de protagonistas e não de espectadores. Transformar essa situação de alunos desestimulados e desinteressados pela prática de leitura de textos literários é uma das inúmeras metas a serem alcançadas pelo docente dentro do contexto escolar.

1.2.1 Colomer: o papel da leitura dentro do contexto escolar

Estudiosos acreditam que a ojeriza criada em torno da leitura, pela maioria dos estudantes, inicia-se nos primeiros anos da fase escolar, isso porque, para muitas crianças, “aprender a ler e escrever é [...] a primeira experiência de que podem não alcançar as expectativas do que delas se espera” (COLOMER, 2007, p. 103), ou seja, o repúdio que os alunos apresentam hoje ao realizar uma leitura tem explicações bem remotas e vem ganhando forma e lugar desde as séries iniciais. Para Colomer (2007), o processo de aquisição da leitura e escrita é a primeira grande “batalha” que os alunos enfrentam ao entrar na escola e como em toda batalha eles podem sair vitoriosos ou não. Assim, mostrar desinteresse é a forma que alguns estudantes encontram para evitar uma futura derrota ou decepção.

Colomer (2007) faz uma análise do papel da leitura dentro do contexto escolar, iniciando pelos primeiros anos de inserção do aluno neste ambiente. Segundo a autora, nesta fase inicial, o que aproximadamente acontece entre os 4 e 7 anos de idade da criança, um dos recursos utilizados pelos educadores é a narração de histórias, dentre elas, as fábulas, os contos, entre

outros, pois a leitura além de ser um elemento interativo na relação professor/aluno, também estimula os estudantes a descobrirem universos e horizontes novos dentro e fora das salas de aulas. Quando essas crianças chegam aos 8, 9 e 10 anos o processo de aprendizagem leitora vai exigindo mais discernimento. Então elas começam a não apresentar mais gosto pelo universo da leitura.

Desse modo, elas criam mecanismos de defesa que têm o intuito de proteger sua autoestima. Um dos mecanismos utilizados é a rejeição. Nesse momento surgem as tão famosas frases conhecidas pelos educadores: “Eu não gosto de ler, professora!”, “Professora, é muito difícil, eu não quero ler!”. Esse receio de fracassar bloqueia o que poderia ser futuramente o descobrimento de um mundo novo, pois a tarefa de interpretação iniciada nesse momento levará o indivíduo à criticidade e à produção de idéias que serão ferramentas fundamentais para a sua construção dentro da sociedade. Como consequência, esse temor também transforma as futuras aulas de literatura no Ensino Médio em uma verdadeira guerra travada entre professor e aluno.

Tais resquícios, traumas e medos da fase inicial se cristalizam, sendo alimentados durante todo o Ensino Fundamental, impedindo que a leitura seja uma atividade prazerosa executada pelos estudantes. A maioria das aulas de leitura é utilizada apenas como um complemento das atividades do livro didático, até porque é inconcebível imaginarmos um Livro Didático de Português (LDP) sem textos para serem lidos. Entretanto, o que realmente prevalece nessas aulas são as atividades de gramática, ou seja, a leitura não cumpre o seu papel de tornar-se ponto de discussão, debate na sala de aula. Ela é apenas um apoio para os conteúdos gramaticais serem apresentados. Dessa forma, o aluno chega ao Ensino Médio trazendo uma concepção errônea sobre a prática de leitura.

1.2.2 PCN e RCEM: documentos que orientam o professor em seu trabalho

A pré-concepção que os estudantes trazem do Ensino Fundamental sobre a prática de leitura vai interferir diretamente nos processos de leitura dos textos literários do Ensino Médio, tanto em relação às obras exigidas nos processos seletivos, sejam eles vestibulares ou ENEM, como nas demais que serviram de base para a sua formação e seu desenvolvimento intelectual. Assim, o grande desafio a ser alcançado pelo professor é apresentar o texto literário de maneira

diferente, utilizando métodos que proporcionem uma mudança do pensamento equivocado intrínseco na maioria dos estudantes em relação às aulas de Literatura. Com o intuito de auxiliar os docentes, trazendo propostas que modifiquem as impressões negativas, acerca da leitura, intrínsecas nos estudantes, bem como outras problemáticas existentes dentro do contexto escolar, relacionadas as outras disciplinas, foram desenvolvidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Referências Curriculares estaduais e municipais (RCEM).

Esses documentos permitem o auxílio na busca de técnicas inovadoras referentes ao processo de ensino-aprendizagem do estudante. Os PCN são propostas elaboradas pelo Ministério da Educação (MEC) que tem por objetivo melhorar a eficiência do ensino, através de sugestões e implantação de novos recursos, garantindo uma instrução de qualidade, a qual assegure aos estudantes conhecimentos necessários para a inserção de cidadãos ativos e participativos da sociedade em que vivem. Os RCEM são documentos elaborados pelas Secretarias de Educação de cada município ou estado e traz diversas orientações metodológicas garantindo um ensino voltado para as necessidades de aprendizagem dos alunos. Desse modo, podemos inferir que os PCN e RCEM são suportes que orientam o professor para o processo de desenvolvimento intelectual e humano dos alunos sendo, portanto, um subsídio para obtenção de resultados positivos, no que concerne à efetiva evolução da educação.

Observando os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006) encontramos diversas contribuições metodológicas de como iniciar o processo de reavivamento do hábito da leitura por parte dos estudantes. Esse documento orienta trabalhar o texto literário partindo do seu gênero e não tendo em vista apenas o contexto histórico que foi escrito, propõem leituras de obras completas e não de fragmentos, muitas vezes, descontextualizados, que só apresentam as características daquele determinado estilo ou escola literária; assim,

Ao invés de privilegiar o puro historicismo, trabalhar a partir de gêneros literários. Desse modo, propõe-se outra possibilidade de trabalhar didaticamente obras literárias nas três séries do ensino médio, abandonando o estudo de meros fragmentos de obras, que é a marca registrada de nossos livros didáticos. (Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba, 2006, p. 83)

A partir dessa estratégia, acredita-se em uma maior probabilidade dos alunos se identificarem com o texto proposto, pois exploraremos aquilo que é mais palpável, fazendo com que o estranhamento existente na linguagem, na forma e no contexto, possa ser diminuído.

Proporcionar a leitura de uma obra literária próxima da realidade do aluno possibilita uma maior introspecção do discente com o ensino de literatura e como a prática leitora. A familiaridade encontrada pelo leitor com o texto apresentado instiga-o a ler outros textos referentes àqueles ao qual ele está tendo acesso, transformando a leitura em um hábito que fará parte da vida do estudante-leitor. Assim, o aluno verá o processo de leitura como uma atividade estimulante, desenvolvendo a criticidade e a produção de ideias dos estudantes.

Outra técnica que deve ser explorada pelo professor de literatura durante as aulas é apresentar meios através dos quais o seu aluno possa interagir com o texto literário proposto, ou seja, o docente deve levar o aluno a manter um verdadeiro diálogo com o texto que está sendo lido. Essa tentativa de direcionar o discente na leitura do texto permite que o estudante privilegie ambientes extraescolares efetivando a tarefa proposta por todo autor, que é relacionar-se com o seu receptor através de sua obra, garantindo além da fruição e da possibilidade da leitura a bel-prazer, o apontamento das impressões individuais obtidas durante o processo de compreensão do texto, na qual o leitor poderá até fazer analogias com os problemas da sociedade em que está inserido.

Durante esse diálogo feito entre aluno/leitor e texto, o professor deve ser um auxiliador, um verdadeiro mediador deixando que os alunos obtenham suas próprias impressões do que está lendo, mas é claro sem fugir totalmente do objetivo apresentado na obra. Assim, as interpretações elencadas durante a leitura da obra literária devem ser plausíveis e condizentes com as suscitadas pelo texto; essa interpretação ou construção de significados da obra é obtida através da fruição que o receptor faz durante a leitura do texto. A esse respeito, tratam os PCN:

a fruição de um texto literário diz respeito à apropriação que dele faz o leitor, concomitante à participação do mesmo leitor na construção dos significados desse mesmo texto. Quanto mais profundamente o receptor se apropriar do texto e a ele se agregar, mais rica será sua experiência estética, isto é, quanto mais letrado literariamente o leitor, mais crítico, autônomo e humanizado será. (Brasil, 2006, p. 59-60)

Dessa forma, observamos que para o indivíduo fruir de maneira completa em uma obra, é necessário que ele assimile, ou seja, que realmente compreenda as informações pertencentes à leitura, até chegar à obtenção dos significados da obra. Esse processo de fruição se intensifica

ainda mais quando há o compartilhamento desses diversos ângulos de compreensão, através de debates, por exemplo. São as discussões e os debates referentes à obra, ocorridos dentro da sala de aula, que despertam a curiosidade e o gosto pela leitura de textos literários por parte dos aprendizes.

1.2.3 Cosson e Carvalhal: as leituras literárias e os LDP

Outro fator visto como forte indício da resistência à leitura de obras literárias, por parte dos estudantes, é o privilégio dado à análise da historiografia dos autores, bem como os estudos dos períodos temporários passados, o que os estudiosos chamam de linhas cronológicas. Principalmente, no Ensino Médio, o estudo dos estilos das épocas vivenciados pelos escritores, a memorização das características literárias de cada escola literária entre outros, são tratados como prioridade pela maioria dos livros didáticos. Alguns Livros Didáticos de Português (LDP) chegam a desprezar propriamente o texto literário ocupando-se apenas em elencar esses tópicos, apontando esses elementos como foco principal. Quando apresenta uma obra literária, faz-se apenas por fragmentos. Esse processo traz como consequência o desestímulo no ato da leitura que encontramos atualmente na maioria dos alunos. Observando esse fenômeno, Rildo Cosson tece uma crítica à postura apresentada pelos livros didáticos de português afirmando que

de acordo com o conteúdo, as atividades desenvolvidas oscilam entre dois extremos: a exigência de domínio de informações sobre a literatura e o imperativo de que o importante é que o aluno leia, não importa bem o quê, pois a literatura é uma viagem, ou seja, mera fruição (COSSON, 2006, p. 22)

O autor nos instiga a refletir que é necessária uma prática efetiva de leitura dos textos literários dentro da sala de aula, não sendo expostas apenas informações teóricas e históricas acerca da literatura, mas que o ato da leitura leve o estudante-leitor a ter contato com o texto fazendo deste ato um processo envolvente de construção de significados da obra.

Além desses fatores supracitados, que impossibilitam a efetivação de uma leitura prazerosa na sala de aula, a maioria dos estudantes/leitores também desconhece alguns elementos que auxiliarão na compreensão das obras lidas, a exemplo da Intertextualidade, da Extratextualidade, dos conhecimentos de mundo que todo indivíduo possui, entre outros. Esses elementos além de auxiliarem no trabalho do professor também possibilitam um efetivo

aproveitamento dos alunos no entendimento e mediação dos significados apreendidos na leitura. Por exemplo, a Intertextualidade, entendida como o conhecimento de que um texto sempre tem por característica a evocação a outros já registrados, permite o despertar do aluno e a curiosidade em identificar quais são as partes análogas entre os textos, proporcionando um envolvimento com a obra que está sendo lida, de tal maneira que o aluno começa a associar o escrito atual com outros vistos anteriormente.

Segundo Carvalhal (2006), esse fenômeno apresenta várias contribuições para o estudante, não apenas no processo de leitura, mas também no ato da escrita, isso porque a escrita é um resultado eficiente e eficaz obtido através de leituras anteriores, ou seja, uma resposta produtiva de um enriquecimento teórico adquirido através de outros textos. Após esse processo de leitura, o indivíduo poderá escrever um texto de qualidade, visto que vários elementos, sejam eles argumentativos ou descritivos, serão absorvidos e poderão constar na produção textual do leitor, agora autor.

Todavia, neste processo de detecção das intertextualidades presentes no texto literário, o professor deve auxiliar o aluno para que essa ferramenta não seja observada apenas como um elemento utilizado na obtenção dos significados da obra literária e na sua compreensão. A comparação entre dois textos requer mais do que simples assimilação, ela necessita que o indivíduo entenda os porquês da escolha de determinado texto na criação de outro. É necessária, uma criticidade por parte do leitor, observando quais os impactos que aquele escrito causa e os outros não causariam, ou seja, os efeitos provocados e as implicações que um texto pode apresentar sobre outro, inferindo o que Carvalhal afirma sobre a ocupação do leitor comparativista,

o comparativista não se ocuparia a constatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele de alguma forma (passiva ou corrosivamente, prolongando-o ou destruindo-o), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. Vai mais além, ao perguntar por que determinado texto (ou vários) são resgatados em dado momento por outra obra (CARVALHAL, 2006, p. 52)

Assim, o trabalho de percepção da intertextualidade requer conhecimento do outro texto, análises do seu contexto, da sua recepção e dos efeitos causados para que se possam estabelecer as bases do novo escrito que se apresenta.

Transformar das aulas de literatura em atividades mais atrativas e dinâmicas deve ser o objetivo de todo professor, pois essa efetivação implicará no processo de formação intelectual do aluno. Não é utópico pensar dessa maneira. É possível, sim, discutir os textos literários de forma que a interação aluno/texto/professor aconteça, fazendo da prática de leitura uma ferramenta eficaz e produtiva dentro da sala de aula. Assim, além de executarmos o conteúdo temático proposto para o Ensino Médio inculcaremos no estudante o prazer por uma leitura de qualidade que produza cidadãos preparados e críticos os quais respondam com autonomia aos inúmeros desafios apresentados pelo mundo em que está inserido.

CAPÍTULO II

1. ANÁLISE DE DADOS

1.1 Caracterização do ambiente e dos sujeitos da pesquisa

O presente trabalho foi elaborado a partir das experiências vivenciadas no nosso período de Estágio Supervisionado IV, que teve uma duração de aproximadamente três meses no ano de 2011, compreendendo os meses de setembro a novembro, respectivamente; em uma escola da rede pública do estado da Paraíba nas turmas de 1º e 2º ano do Ensino Médio. Relataremos nossa experiência nesse estágio e apresentaremos os resultados obtidos na vivência da sala de aula que se dá a partir da leitura de textos literários, bem como os desafios enfrentados durante este ciclo de prática do ensino.

A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida, localizada à Rua Duque de Caxias, nº 235, no bairro Prata, na cidade de Campina Grande – PB, foi o ambiente escolar onde se desenvolveu o nosso estágio. Escolhemos a presente instituição por sua disponibilidade em acolher estagiários em Língua Materna e Literatura, como também o acolhimento e aceitação proporcionada pela professora titular da disciplina de Língua Portuguesa “AL”¹ que nos concedeu 4 horas/aula semanais nas turmas em que era docente.

Em nossa primeira visita tivemos uma conversa com a gestora “R”¹ com o intuito de conhecer o ambiente escolar, bem como os recursos disponibilizados pela instituição, pois esses recursos seriam aproveitados na prática do nosso estágio. A instituição possui cerca de 2000 alunos matriculados e divididos entre os turnos manhã, tarde e noite, distribuídos em 49 turmas do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio. Além das salas de aula, a escola possui um laboratório de Química, outro de Biologia, uma sala de vídeo, uma biblioteca com um acervo de livros considerável, renovados pelo MEC a cada três anos, dois laboratórios de Informática, somando 17 computadores adquiridos pelo projeto PROINFO, funcionando em perfeitas condições e com acesso à internet. Esses dados correspondem ao ano em que nosso estágio foi executado, 2011, podendo atualmente apresentar outros números, tendo em vista algumas reformas vivenciadas pela instituição.

¹ Por questão de ética ocultamos o nome da gestora e da professora titular da disciplina.

O quadro de professores é composto por profissionais formados em licenciatura plena, a grande parte concursada, possuindo apenas alguns docentes substitutos. Para realização da prática pedagógica a escola efetua reuniões bimestrais com todos os professores juntamente com o coordenador da disciplina; nessas reuniões há um planejamento das atividades a serem desenvolvidas no decorrer do bimestre. Mesmo tendo que obedecer ao planejamento pedagógico referente às aulas de Língua Portuguesa e Literatura, a gestora, juntamente com a professora, nos acolheu de forma bastante amigável favorecendo a prática do nosso estágio.

O nosso plano de atividades, bem como a prática pedagógica, teve a participação e supervisão dos docentes da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Ranieri Mello e Adalberto Teixeira, especialistas nas áreas de Língua Portuguesa e Literatura, respectivamente, que ministraram o componente curricular Estágio Supervisionado IV. O plano de atividades (Apêndice I) que elaboramos foi modificado devido uma solicitação da docente “AL”, a qual solicitou que trabalhássemos a disciplina de Literatura com os alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio regular e a disciplina de Língua Portuguesa, contemplando os gêneros textuais técnicos, com os alunos do 2º ano do ensino médio/profissionalizante.

Para a prática do nosso estágio a docente nos concedeu à noite da terça-feira. Neste dia a professora “AL” possuía 4 aulas divididas nas turmas de: 1º ano “A” (1º horário), 2º ano “A” (2º horário) e 2º ano “A” profissionalizante em gestão comercial (4º e 5º horário). A turma do 1º “A” era composta por 19 alunos, sendo 10 mulheres e 9 homens, com idade entre 15 e 18 anos; a turma do 2º “A” era formada por 10 alunos, sendo 6 mulheres e 4 homens, com faixa etária entre 19 e 30 anos. A turma de ensino profissionalizante em gestão comercial era composta por 6 alunos, sendo 3 homens e 3 mulheres, com idade entre 20 e 25 anos. Por uma questão de tempo e espaço pensamos em um recorte que contemplasse os dados apenas da turma de 1º ano “A”, tendo em vista que as produções das três turmas resultavam em um material consideravelmente extenso, o que implicaria em uma análise mais longa e impertinente para o propósito desta pesquisa-ação.

1.2 Primeiro momento: o questionário

Iniciamos nossas atividades no dia 20 de setembro de 2011, momento em fomos apresentados às turmas do Ensino Médio pela professora titular da disciplina e tivemos o

primeiro contato com as turmas que executamos o nosso plano de atividades. Para este primeiro momento, elaboramos um questionário de sondagem (Apêndice II) composto por seis perguntas referente às práticas de leitura e escrita dos alunos. A partir das repostas desses questionários obtivemos uma visão geral sobre essas práticas por parte dos nossos discentes.

Apenas uma pequena parcela dos alunos relata ler frequentemente revista, Bíblia, jornais e alguns dos principais best-sellers da atualidade, a exemplo Crepúsculo, Lua Nova, Harry Potter, entre outros; a outra parcela, representada pela maioria dos estudantes, afirma ler apenas o que a escola propõe como leitura obrigatória. Quanto à escrita, muitos afirmam escrever apenas as atividades exigidas dentro do contexto escolar; outros relataram que fora do ambiente escolar escrevem apenas textos alusivos aos gêneros digitais como, script e/ou conversas no bate-papo das redes sociais, Orkut, Facebook, MSN e outros.

Partindo deste primeiro contato com os alunos, realizamos alguns ajustes no nosso plano de atividades, gerenciados pelos docentes da componente Estágio Supervisionado IV, nada que compromettesse a execução de uma leitura de textos literários de forma envolvente, mostrando que esse processo pode e é uma maneira estimulante na obtenção de conhecimentos. Trabalhamos com os alunos o tema “Fuga da realidade”. Para tal proposta utilizamos textos de poetas e escritores que contemplassem a temática apresentada.

Este trabalho relata os registros escritos das discussões e comentários de alguns estudantes referentes aos textos, “Viagem a São Saruê” (cordel), “Vou-me embora pro passado” (poema matuto), “Vou-me embora pra Pasárgada” (poema), e a música “Além do Horizonte”, cuja autoria dos textos é, Manuel Camilo dos Santos, Jessier Quirino, Manuel Bandeira, Roberto Carlos e Erasmo Carlos, respectivamente; também apresentaremos recortes de uma atividade de produção textual realizada por eles na sala de aula. A partir da leitura dos textos literários supracitados os alunos puderam desfrutar de uma prática de leitura diferenciada, na qual as descobertas, o tom humorístico de alguns textos, a crítica e a aventura foram elementos que permearam as nossas aulas.

Além de tornar-se uma atividade agradável aos estudantes, a leitura também propiciou uma correlação e reflexão sobre problemas atuais da nossa sociedade, efetivando o que Jauss ao ser citado por Costa (2011), argumenta sobre a qualidade de uma obra literária:

a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório no desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto á posteridade. (COSTA, 2011, *apud* JAUSS, 1979, p.8)

Assim, a inter-relação entre o texto e os problemas vivenciados na nossa sociedade transforma o indivíduo em um cidadão ativo, crítico e participativo do meio em que está inserido.

1.3 Segundo momento: a declamação

Iniciemos nossa análise pelas considerações elencadas na apresentação e discussão do cordel “Viagem a São Saruê” (Apêndice III) do poeta cordelista Manoel Camilo dos Santos. Este texto foi trabalhado nos dias 27 de setembro e 04 de outubro, por se tratar de uma obra um pouco extensa não tivemos condições de explorá-la em apenas uma aula. As colocações elencadas por nossos alunos são referentes a esses dois encontros. A escolha deste texto deu-se pelo incentivo e disseminação que a Literatura Popular vem adquirindo dentro do contexto escolar nos últimos anos no estado da Paraíba. Esse tipo de texto, como também outros estilos textuais, a exemplo, os romances populares, vem sendo adotado nos processos seletivos da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB –, que tem como intuito, tanto trazer ao convívio dos alunos o conhecimento de uma Literatura própria da nossa região, apresentando as obras de autores paraibanos, como também revelar o brilho e o encanto que ela apresenta.

Demos início nossa aula na turma do 1º “A” entregando uma cópia do texto que iria ser trabalhado. Logo após apresentamos as informações principais sobre o autor da obra: nome do cordelista, a cidade em que ele havia nascido, algumas atividades desenvolvidas por ele, suas principais obras, entre outras informações. O aluno “A” nos questionou se o referido poeta ainda estava vivo, o que nos instigou a fazermos uma nova pergunta: o porquê de tal indagação. Ele nos respondeu que os textos apresentados na escola eram sempre de autores mortos e que lê textos de pessoas antigas era bastante entediante, pois a compreensão era difícil e assim ele se sentia desmotivado para ler textos de tal natureza.

No momento ficamos com receio de informarmos que o referido autor já havia falecido, para que ele e os demais estudantes que possuíam a mesma opinião não criassem uma barreira

antes do início da leitura. Porém, outro aluno respondeu a pergunta de forma afirmativa; ele relatou ter assistido uma reportagem na televisão sobre Literatura Popular, na qual esse cordelista foi mencionado. Sentimos que algo havia mudado na fisionomia daquele estudante, mas continuamos com a nossa aula.

Em seguida, para surpresa dos nossos alunos, ao invés de apenas lermos o cordel resolvemos declamá-lo. No princípio os alunos acharam engraçado, outros começaram a acompanhar os versos através da leitura, mas na metade da declamação em diante, todos estavam prestando atenção na entonação de voz, no ritmo e nos movimentos que a estagiária dava à leitura do cordel. Olhares perplexos, admirados e curiosos no desenrolar da leitura dominaram a sala de aula e o nosso estudante da indagação anterior parecia viajar entre os versos de Camilo. Notamos que a forma como a leitura foi proferida, ou seja, declamada, despertou a atenção dos alunos como também as conversas paralelas não existiram.

Após a leitura dirigimos algumas perguntas aos estudantes, de maneira a inseri-los no contexto literário presente. Primeiramente questionamos os alunos acerca das impressões iniciais da obra, perguntas como: “Gostaram do texto?”, “Que parte você considera mais engraçada?”, “Que parte você gostou ou não gostou e por quê?”, todos os questionamentos foram respondidos pelos alunos; eles relataram terem gostado do cordel e a maioria queria expor suas opiniões. Neste momento, deixamos que eles interagissem com o texto, sempre mediando a discussão e foi quando obtivemos alguns relatos importantes, pois os alunos colocaram questões relevantes sobre o mundo de São Saruê contrapondo com o mundo real. Alguns chegaram a afirmar que aquele lugar era perfeito e que gostariam de desfrutar de tudo que aquele mundo apresentava. Nesta fase da discussão adentramos no tema proposto para as nossas aulas, “Fuga da Realidade”, tema que questiona a saída do mundo real para um lugar fictício onde tudo corrobora para a felicidade plena do indivíduo.

Alguns alunos atentaram para aspectos de intertextualidade presente no cordel, relacionando-o, por exemplo, com passagens da Bíblia. A aluna “K” refletiu sobre o trecho referente à Terra prometida ao povo de Israel, terra esta que jorrava leite e mel, onde não existe pobreza e todas as pessoas vivia em perfeita harmonia e alegria. Para isso ela fez a conexão com os seguintes versos do cordel:

Avistei uma cidade
 como nunca vi igual
 toda coberta de ouro
 e forrada de cristal
 ali não existe pobre
 é tudo rico em geral.

O povo em São Saruê
 tudo tem felicidade
 passa bem anda decente
 não há contrariedade
 não precisa trabalhar.

Lá existe tudo quanto é de beleza
 tudo quanto é bom, belo e bonito,
 parece um lugar santo e bendito
 ou um jardim da divina Natureza:
 imita muito bem pela grandeza
 a terra da antiga promessa
 para onde Moises e Aarão
 conduziam o povo de Israel,
 onde dizem que corriam leite e mel
 e caia manjar do céu no chão.

(CAMILO, Manuel. Sem data, Viagem a São Saruê)

Partindo das contribuições da aluna “K” definimos, juntamente com os alunos, o termo Intertextualidade, entendida como o conhecimento de que um texto sempre tem por característica a evocação a outros já registrados. Baseado nesta informação os estudantes apresentaram outros trechos do cordel os quais faziam referência com textos lidos por eles anteriormente.

A aluna “F” apresentou suas considerações acerca deste mesmo verso, refletindo que se tratava de um segundo plano, o qual a doutrina espírita acredita ser um local de purificação, onde os espíritos evoluem, até retornarem novamente à Terra para continuarem sua missão. Com as observações elencadas pelas alunas “K” e “F”, a discussão sobre as doutrinas religiosas foi iniciada sempre sob nossa mediação. Assim, essa discussão foi se transformando e se consolidando em uma descoberta de significados novos tanto para os alunos como para nós.

Iser (1979), ao estudar o efeito que o texto causa a seu receptor, compara o texto a um jogo, no qual os leitores são jogadores em busca de um resultado final. Esse resultado para teoria textual seria os significados encontrados durante a leitura. Para obtenção desse resultado, o receptor utiliza-se de “movimentos de idas e vindas” (chamado assim pelo autor) dentro do texto; são esses movimentos que vão dando emoção e incitando o leitor durante a leitura.

Podemos observar de maneira efetiva essa movimentação nos trechos acima descritos, pois eles escolheram versos contidos em diferentes partes do cordel, fazendo do texto uma estrutura produtora de algo novo, obrigando-o a penetrar no espaço do jogo textual com o intuito de apreender o seu significado. Efetivando a afirmação de Iser (1949), “o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a instigar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo” (ISER, 1979, p.107).

Ainda em relação ao mesmo texto, o aluno “C” discutiu sobre os objetos de desejos explicitados no cordel como, o dinheiro, a beleza, a juventude entre outros, analisando que tais elementos sempre foram buscados pelos indivíduos, porém na sociedade atual essa busca tem sido mais fervorosa. Para tal afirmação o discente elencou os versos:

Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

Os pés de notas de mil
carregam chegam encapota
pode tirar-se a vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha é tudo nota.

Lá não se vê mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

(CAMILO, Manuel. Sem data, Viagem a São Saruê)

Baseado nestas estrofes, o aluno “G” pronunciou-se afirmando que vários são os instrumentos de *marketing* utilizados atualmente, como os anúncios tentadores de eletroeletrônicos, mobílias, automóveis, alimentos entre outros, todos com o intuito de ludibriar o ser humano na obtenção de bens materiais e de consumo. Outro exemplo citado por nosso estudante foram as empresas de cosméticos, que anunciam tratamentos de beleza revolucionários para influenciar o indivíduo na busca da juventude eterna, propagandas com belas atrizes apresentando seus artigos são recursos usados frequentemente para incitar a aquisição desses itens pela população. O aluno supracitado finalizou suas considerações afirmando que todos esses recursos são utilizados com o intuito de trazer a felicidade plena, pois todo indivíduo em sua essência possui como meta principal ser feliz totalmente.

Percebemos com essas considerações que os alunos podem deixar de ser meros contempladores do texto e assumir outra função, efetivando a afirmação de Jauss, de que “o observador pode [...] sair de sua atitude contemplativa e converter-se em co-criador da obra, à medida que conclui a concretização de sua forma e seu significado.” (JAUSS, 1979. p.103), ou seja, os alunos têm a capacidade de ser co-participantes na construção da obra, o que torna a atividade de leitura mais envolvente e proveitosa. O jogo que permeia o universo textual faz do leitor um participante ativo na edificação dos significados, pois como sabemos é o destinatário que recebe e sente os efeitos e transformações vivenciados durante e após a leitura de um texto.

1.4 Terceiro momento: a entonação

Dando continuidade às nossas atividades no dia 18 de outubro apresentamos para os alunos o poema “Vou-me embora pro passado” (Apêndice IV) do escritor paraibano Jessier Quirino. Este texto, diferente do mundo fictício apresentado em “São Saruê”, cordel explorado nas aulas anteriores, traz um “mundo” real que foi vivenciado por nossos antepassados há algumas décadas. Dois alunos mencionaram conhecer algumas obras desse autor. Um deles relatou ter participado de um dos seus shows realizado no teatro municipal da nossa cidade e expôs ter gostado muito da maneira e do jeito como o autor se expressa na declamação de seus poemas. Foi uma aula bastante prazerosa. Colocamos os alunos em círculo e iniciamos pela

apresentação da biografia do poeta paraibano. Os alunos também contribuíram com a discussão, trazendo informações referentes à vida pública de Jessier Quirino.

Após essas considerações, um estudante sugeriu que a leitura fosse compartilhada. No início alguns estudantes questionaram, mas depois a maioria concordou em participar. Apenas dois alunos não se propuseram a realizar tal atividade. Para motivar a participação de todos os alunos propusemos que cada um realizasse a leitura de uma estrofe do poema. Quando eles terminaram a leitura parabenizamo-los e incentivamo-los a sempre apresentar esse interesse em participar das aulas, não apenas as de literatura, mas de todas as outras disciplinas. Antes de iniciarmos a discussão a atitude do aluno “J” nos chamou atenção. Ele perguntou se poderíamos ler novamente o texto. Entretanto, o estudante propôs que a leitura fosse realizada da mesma maneira que o cordel da aula passada, através da declamação.

Todos concordaram e a leitura foi realizada pela estagiária que deu vida aos versos do poema popular através da interpretação e entonação. Durante a leitura, percebemos os olhos atentos e interrogativos de alguns estudantes. Quando a leitura foi encerrada os alunos aplaudiram e iniciou-se a discussão. Sem necessitar da nossa interpelação os alunos começaram a relatar de quais trechos haviam gostado. Algumas palavras eram desconhecidas por nossos estudantes a exemplo: “califon”, “anáguas”, “bundeira” e “piniqueira”, as quais foram explicadas; outros vocábulos utilizados pelo autor como, “pitisqueiro”, “rouge”, eram conhecidas pelas alunas e algumas marcas, estilos de carro, moto como “vermaguet”, “jeep willes”, “maverick” e “lambreta”, eram conhecidos principalmente pelo público masculino. Esses objetos foram elencados pelos alunos com riqueza de detalhes e muitos discentes informaram terem visto os avôs comentarem sobre eles em conversas familiares.

Algumas reflexões merecem destaque, como as da aluna “K” que refletiu sobre a seguinte estrofe:

Vou-me embora pro passado
 Que o passado é bom demais!
 Lá tem meninas "quebrando"
 Ao cruzar com um rapaz
 Elas cheiram a Pó de Arroz
 Da Cachemere Bouquet
 Coty ou Royal Briar
 Colocam Rouge e Laquê
 English Lavanda Atkinsons

Ou Helena Rubinstein
 Saem de saia plissada
 Ou de vestido Tubinho
 Com jeitinho encabulado
 Flertando bem de fininho.

(QUIRINO, Jessier. Sem data, Vou-me embora pro passado)

A referida estudante afirmou conhecer algumas das marcas apresentadas neste trecho como o pó de arroz da Cachemere Bouquet; hoje esse produto é comercializado por outras marcas e recebeu o nome de pó compacto. Ela nos informou que sua avó usava esse tipo de maquiagem na juventude e que ao compará-la com as maquiagens atuais apresentava qualidade bastante superior.

Outro exemplo citado pela estudante “K” foi com relação às roupas usadas antigamente, a exemplo das saias plissadas; segundo a referida discente sua avó relatou que quando jovem usava esse estilo de saia, as quais eram passadas com ferro de brasa e “goma” (mistura feita com maisena e um pouco de água em fogo brando, que deixava a roupa impecável e com as dobras perfeitas), depois as colocava embaixo do colchão da cama durante alguns dias para que ficasse sem nenhuma falha. Essa vestimenta geralmente era usada em desfiles da Independência que eram um dos grandes eventos da cidade.

A aluna “B” também refletiu sobre este trecho do poema. Ela nos contou sobre o início do namoro de seus pais, uma história que sua mãe adora contar. O flerte, podendo ser comparado hoje com a paquera, era comum entre os jovens daquela época. Entretanto, diferente dos dias atuais, essa prática durava meses até que o garoto tivesse a coragem de se aproximar da sua paquera. Ela relatou que seus pais se encontravam na praça da cidade após a missa ou as novenas; ir à igreja era apenas um motivo para encontrar seu pretendente. Entretanto, eles não tinham nem mesmo oportunidade de conversar. Segundo nossa aluna seu pai passava olhando para sua mãe e ela meio que envergonhada dava um leve e singelo sorriso, “aquele jeitinho que ninguém percebe, sabe professora?”, relatou-nos a jovem estudante. Ela também citou os versos:

Quando não querem a paquera
 Mulheres falam: "Passando,
 Que é pra não enganchar!"
 "Achou ruim dê um jeitim!"
 "Pise na flor e amasse!

(QUIRINO, Jessier. Sem data, Vou-me embora pro passado)

E argumentou que essas frases também eram proferidas pelas donzelas da época quando os rapazes não as interessavam. A estudante “B” relatou que desde criança escuta sua mãe e tias conversando e que durante a leitura do poema pode recordar sobre esse fato.

Neste momento da discussão muitos foram os depoimentos dos estudantes sobre os relacionamentos amorosos dos pais e avós. Assim, sem a nossa intervenção um paralelo entre os relacionamentos atuais com os vivenciados antigamente começou a ser traçado pelos alunos. O termo “ficar” foi evidenciado pelos estudantes. Alguns se colocavam como favoráveis a essa prática e outros afirmavam serem contra essa forma de envolvimento, refletindo que tinham a sensação de serem usados pelo outro sem compromisso e sem respeito. O aluno “D” afirmou que os namoros de antigamente eram muito tediosos. Em muitos casos levam-se meses e meses para poder dar um beijo em uma menina na qual estava interessado. Perguntamos a ele com base em que argumentos ele dizia isto. Nesse momento ele nos relatou a experiência amorosa de seus pais que, segundo ele, o pai havia passado cerca de seis meses para poder pegar na mão de sua mãe e mais uns quatro meses para poder dar-lhe o primeiro beijo no rosto: “isso é muita leseira, professora!” (afirmação do aluno).

A discussão em torno dos relacionamentos amorosos tornou-se cada vez mais instigante para os alunos e para nós que víamos o envolvimento deles com o texto apresentado, fazendo relação com o momento atual que estamos vivenciando. Entretanto, esse debate foi interrompido pelo sinal da escola que pôs fim à nossa aula; pedimos aos alunos como exercício para nosso próximo encontro, a releitura do texto e que eles procurassem conversar com seus pais, avós, tios e pessoas mais idosas sobre os elementos e as situações apresentados no texto trabalhado na sala.

Nestes recortes observamos a participação do leitor na construção e fruição do texto. As relações interpretativas realizadas durante a leitura do poema colocam os leitores dentro do universo que está sendo trabalhado. Através do paralelo realizado pelos alunos entre o ontem e o hoje notamos a inserção do aprendiz no espaço da obra, passando a fazer parte do universo apresentado. A esse respeito Jauss (1979) tece considerações significantes ao argumentar que “a atitude estética exige que o objeto não seja contemplado desinteressadamente, mas que seja co-produzido pelo fruidor à semelhança do que se passa” (JAUSS, 1979. p.96), tornando o processo de leitura um objeto de deleite e reflexão. Iser (1979, p. 116) também reflete sobre este aspecto afirmando que o texto não é “um espetáculo que o leitor meramente observa, mas é tanto um

evento em processo como um acontecimento para o leitor provocando seu envolvimento direto nos procedimentos e na encenação”. Assim sendo, esse envolvimento é responsável por transformar a leitura em um jogo dinâmico realizado entre a tripartite autor/texto/leitor.

1.5 Quarto momento: a releitura

Neste quarto momento, que aconteceu no dia 25 de outubro de 2011, retomamos o texto apresentado na semana anterior e pedimos que os alunos nos mostrassem as descobertas encontradas através da releitura e/ou das conversas com seus pais e avós. Os alunos realizaram a atividade proposta e trouxeram várias contribuições acerca do texto trabalhado. Esses novos elementos deixaram a aula ainda mais atrativa e motivadora. Trabalhar com os alunos em círculo surtiu efeito significativo em nossa aula. Por esse motivo colocamos novamente os alunos distribuídos dessa forma e retomamos a discussão do texto, com base agora nas descobertas de cada aluno.

Acreditamos que por se tratar de adolescentes e jovens nossos alunos retomaram a discussão acerca dos relacionamentos amorosos. A aluna “K” elencou os seguintes versos para discussão,

Quando não querem a paquera
 Mulheres falam: "Passando,
 Que é pra não enganchar!"
 "Achou ruim dê um jeitim!"
 "Pise na flor e amasse!"
 E AI e POFE! e quizila
 Mas o homem não cochila
 Passa o pano com o olhar
 Se ela toma Postafen
 Que é pra bunda aumentar
 Ele empina o polegar
 Faz sinal de "tudo X"
 E sai dizendo "Ô Maré!
 Todo boy, mancando o pé
 Insistindo em conquistar.

(QUIRINO, Jessier. Sem data, Vou-me embora pro passado)

A partir desse trecho os alunos disseram ter procurado o significado de alguns vocábulos, a exemplo de “Postafen”, mencionado pela supracitada aluna que nos confidenciou a experiência

produtiva realizada por sua mãe durante a mocidade. Ela havia tomado esses comprimidos e obtido ótimos resultados. Esse comentário foi motivo para muitas risadas na sala de aula.

Ainda com relação a esta estrofe, o aluno “A” apresentou um comentário acerca das sentenças "Passando, Que é pra não enganchar!", "Achou ruim dê um jeitim!" e "Pise na flor e amasse!", afirmando que essas frases continuam sendo ditas por alguns idosos, principalmente em cidades interioranas, a exemplo, Juazeirinho-PB, cidade onde seus avôs moram. Esta aula foi bastante divertida, momentos de muito riso e descontração, os efeitos que a obra provocou em nossos alunos foram intensos e renderam inúmeras colocações.

Outro ponto elencado pelos estudantes encontra-se nas reflexões do aluno “N”, que utilizou o trecho final do poema para realizar um paralelo entre o passado e o mundo vivenciado atualmente. Após a releitura dos versos,

Vou-me embora pro passado
 Pra não viver sufocado
 Pra não morrer poluído
 Pra não morar enjaulado
 Lá não se vê violência
 Nem droga nem tanto mau
 Não se vê tanto barulho
 Nem asfalto nem entulho
 No passado é outro astral

(QUIRINO, Jessier. Sem data, Vou-me embora pro passado)

o aluno argumentou que a violência, o medo e as drogas estão invadindo as casas furtando a felicidade humana. Neste momento colocamos os alunos para refletirem sobre os problemas que permeiam nossa sociedade e que se possível eles apresentassem soluções que amenizassem ou finalizassem com as dificuldades relatadas.

Com relação a esse tópico a aluna “K” contribui refletindo sobre uma arma que todo cidadão possui, o voto, e que através dela dispomos do direito de escolher políticos que estejam comprometidos com a sociedade e com a resolução dos problemas que enfrentamos, enfatizando que por esse motivo não devemos vender nossa liberdade de escolha. Assim, podemos inferir com base nas observações de Iser (1979) e Jauss (1979) que a teoria do efeito e da recepção permite pelo menos duas dimensões de leitura: a primeira que é comum a todos os leitores por se tratar do que a obra apresenta aqui representada pelo tema fuga da realidade; e a outra,

individual, pois está diretamente interligada com os valores e com as experiências de vida de cada leitor, como podemos observar nas argumentações elencadas pelos alunos.

Segundo Jauss (1979), a relação entre o leitor e o texto concretiza um processo de recepção e ação, podendo o leitor “ser afetado pelo que se representa, identificar-se com as pessoas em ação, dar livre curso às próprias paixões despertadas e sentir-se aliviado por sua descarga prazerosa” (JAUSS, 1979.p.87), vivenciando, dessa maneira, um verdadeiro jogo entre autor/obra/leitor. Assim, ao mesmo tempo em que o leitor extrai do texto as experiências de sua leitura ele a contrapõe com a visão de mundo que possui e essa multiplicidade de experiências foi visivelmente construída pelos estudantes durante a discussão das obras.

1.6 Quinto momento: a descoberta

Passadas essas cinco semanas de convivência percebemos que alguns alunos são hiperativos, outros gostam de conversar e distraem-se facilmente. Dessa forma tornou-se necessária a inovação constante da nossa aula. Pensando nisso, elaboramos para o próximo momento, no dia 8 de novembro de 2011, uma dinâmica; imprimimos, recortamos e dividimos por estrofes o poema “Vou-me embora pra Pasárgada” do autor Manoel Bandeira (Apêndice V), explicamos aos alunos que eles deveriam ler e organizar o poema como eles acreditavam ser a sequência adequada. No começo eles questionaram, pois não conheciam o texto, mas mesmo assim continuaram com a dinâmica.

Dividimos a sala em dois grupos, estipulamos o tempo de cinco minutos e eles foram lendo as partes recortadas e tentando construir o poema. O nosso objetivo era apenas levar os alunos a se movimentarem um pouco dentro da classe e interagir uns com os outros. Nenhum dos grupos obteve o sucesso total. Um grupo acertou cerca de 50% da sequência correta do poema, o outro infelizmente não conseguiu terminar a atividade proposta; esse foi um momento de descontração importante, notamos um envolvimento maior por parte dos estudantes no decorrer da aula.

Antes de entregarmos as cópias do poema aos alunos pedimos que, se alguém soubesse a autoria do poema, não o mencionassem, pois no final da aula teríamos uma surpresa. Nosso propósito era iniciar a leitura, fazer algumas interpretações e só depois revelar a identidade do escritor. Com isso nós queríamos transformar a ideia que os alunos tinham de que os autores

canônicos eram impossíveis de serem compreendidos e que a leitura de seus textos era entediante. Dentre os estudantes, apenas a aluna “K” sabia a autoria do referido texto. Pedimos que ela não revelasse a identidade do escritor e que realizasse a leitura em voz alta para toda a turma.

Ao término da leitura os estudantes questionavam-nos o tempo inteiro sobre o autor daquele texto. Informamos que o presente escritor seria revelado mais adiante e que naquele momento iríamos discutir as impressões elencadas durante a leitura do poema. Obtivemos muitas respostas. Alguns alunos relataram não terem gostado do texto, outros que se tratava de uma insanidade mental e outros afirmaram ser de difícil compreensão o poema em questão. O aluno “D” iniciou sua reflexão pelas estrofes iniciais da obra,

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura

(BANDEIRA, Manuel. Sem data, Vou-me embora pra Pasárgada)

Ele refletiu que o lugar apresentado no poema deveria ser outro paraíso semelhante a “São Saruê” e para isso embasou sua argumentação mencionando os versos “lá a existência é uma aventura” e “Aqui eu não sou feliz”. Segundo nosso aluno, o primeiro verso elencado por ele apresenta Pasárgada como um mundo imaginário concebido apenas em nossa mente, pois a realidade que presenciamos é composta por muitas obrigações, deveres e escassos momentos de lazer e alegria, realidade esta explicitada através do segundo verso.

A aluna “K” deteve suas atenções nos versos contidos na terceira estrofe, a qual fala sobre uma entidade folclórica Mãe D’água, também conhecida com Iara,

E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d’água
Pra me contar as histórias

Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada.
(BANDEIRA, Manuel. Sem data, Vou-me embora pra Pasárgada)

A estudante nos relatou que sua avó é uma “benzedeira”, ou “curandeira”. Antigamente, esses indivíduos eram responsáveis por curar pessoas doentes de males do corpo e da alma, utilizando para esse feito ervas acompanhada de gestos e orações. Dentre as muitas histórias que sua avó lhe contava, quando criança, nossa estudante recordou-se da história de Iara ou Mãe D’água, uma sereia que enfeitiçava os homens através de sua beleza e de seu canto suave e doce. Segundo a aluna “K” Iara era uma índia conhecida pela sua esperteza coragem e dedicação em todas as tarefas às quais era submetida. Isso despertou a inveja de muitos da sua tribo, principalmente dos seus irmãos.

Continuando a história, a estudante expôs que em uma noite de lua cheia os irmãos da índia tentaram matá-la entrando em sua cabana, mas Iara era uma guerreira de audição muito aguçada. Logo ela percebeu a presença de alguém em sua cabana e preparou-se para se defender. Ao fazer isso acabou matando um dos seus irmãos. Para fugir da ira de seu pai, o pajé da tribo, Iara entrou na mata e por diversas noites tentou escapar, mas cansada e sozinha acabou sendo encontrada pelos guerreiros de seu pai, o qual pediu que a lançasse nas águas dos rios Negro e Solimões. Após ser jogada os peixes a encontraram e levaram-na para margem do rio onde os raios da lua a transformaram em um lindo ser, metade humana e metade peixe, uma sereia.

Prosseguindo no seu relato, a aluna “K” disse-nos que após este dia a Iara começou a enfeitiçar os pescadores e os navegantes dos rios, que encantados por sua beleza e seu canto enlouqueciam e a seguiam para o lugar que ela fosse ou ordenasse. Os homens que sobreviveram aos encantos de Iara diziam ter conhecido o mundo das águas, um lindo mundo do qual nada poderia ser trazido para a terra, caso eles trouxessem, recebiam o castigo das águas e a maldição de Iara. Tal maldição só seria quebrada, ou seja, curada, com os trabalhos de uma velha e poderosa benzedeira, que sabia sobre os feitiços da seria.

Após o relato, a aluna “K” argumentou que os versos acima tratavam do medo que vivemos atualmente e também nos faz regressar a momentos passados. Questionamos a referida aluna o porquê desta conclusão. Ela nos falou que quando somos crianças temos medo de histórias e lendas contadas pelos nossos pais e avôs, mas hoje o nosso medo é real: medo de

sermos assaltados, mortos e violentados dentro das nossas próprias casas e que Pasárgada nos faz retornar a nossa infância viajando e fugindo dessa realidade tão desastrosa.

O aluno “A” destacou os versos da última estrofe para discussão, afirmando tratar-se de um lugar privilegiado,

E quando eu estiver mais triste
 Mas triste de não ter jeito
 Quando de noite me der
 Vontade de me matar
 — Lá sou amigo do rei —

(BANDEIRA, Manuel. Sem data, Vou-me embora pra Pasárgada)

O presente aluno refletiu que neste lugar não existia tristeza, pois, mesmo a morte, considerada por muitos como o fim de todos os planos dos indivíduos, era enxergada de forma diferente, sem essa perspectiva negativa. Tratando-se dos três últimos versos, nosso estudante relacionou-os com alguns “privilégios” oferecidos por determinados políticos, que além de desfrutar desses benefícios também os proporcionar a outros que os cercam – esposo (a)s, primo(a)s, neto(a)s entre outros – informando que os telejornais apresentam diariamente governantes corruptos que usufruem dessas vantagens.

Ao término da discussão informamos o autor do poema e a sua biografia. Alguns alunos ficaram admirados por terem entendido um poema de Manuel Bandeira, relatando que os poemas dos autores clássicos nem sempre são tão complicados como imaginamos e que eles também podem ser lidos de maneira prazerosa. Com essas afirmações podemos inferir que a meta central da nossa proposta de trabalho estava sendo alcançada, a desconstrução de um pensamento equivocado e errôneo, intrínseco na mentalidade da maioria dos estudantes, de que compreender um texto, um poema e outros gêneros textuais literários era uma tarefa impossível de ser realizada. Assim, o que acontece muitas vezes é a elaboração de julgamentos sobre determinada obra antes mesmo de conhecê-la.

As colocações dos alunos trouxeram elementos novos para discussão; elementos esses adquiridos através dos processos de intertextualidade e os conhecimentos de mundo de nossos estudantes, efetivando o que Jauss (1979) afirma sobre a recepção que os leitores contemporâneos vão ter ao deparar-se com um texto,

quando o leitor contemporâneo ou as gerações posteriores receberem o texto, revelar-se-á o hiato quanto à *poiesis*, pois o autor não pode subordinar a recepção ao propósito com que compuseram a obra: a obra realizada desdobra, na *aisthesis* e na interpretação sucessivas, uma multiplicidade de significados que, de muito, ultrapassam o horizonte de sua origem. (JAUSS, 1979, p.102)

Observamos que foram muitos os significados encontrados durante a leitura dos textos. A maneira como eles foram recepcionados pelos discentes, o efeito que eles causaram, os desdobramentos das interpretações individuais e os debates da sala de aula reafirmam a afirmação de Jauss. Assim, a duplicidade entre a imaginação e a interpretação são peças responsáveis por fazerem “o leitor se empenhar na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável” (ISER, 1979.p.107), mundo este encontrado nas linhas e entrelinhas do texto lido.

1.7 Sexto momento: a proposta de atividade e a intertextualidade

O sexto momento aconteceu no dia 22 de novembro de 2011. Apresentamos aos alunos uma proposta de atividade para ser realizada na sala (Apêndice VI) referente aos textos já trabalhados, “Viagem a São Saruê”, “Vou-me embora para Pasárgada” e “Vou-me embora pro passado”. Nesta atividade foi solicitado aos alunos que a partir dos três fragmentos expostos na atividade (fragmentos estes já lidos e discutidos em sala) eles escrevessem um pequeno texto mostrando as possíveis semelhanças e diferenças entre os trechos, visando à temática, o seu direcionamento, entre outros elementos.

Baseada essa atividade executada pelos estudantes e nas leituras teóricas sobre Estética da Recepção podemos perceber que a leitura se configura com uma experiência renovadora de conceitos e um descobrimento de “mundos” novos. Podemos observar que a temática central, “fuga da realidade”, foi identificada por todos os estudantes. Entretanto, interpretações individuais também foram ressaltadas. Dentre as respostas apresentadas, elencamos trechos de algumas atividades para a nossa discussão:

¹Nesses três textos existem várias coisas em comum como por exemplo nos 3 textos existem um personagem sofrido, insatisfeito com a sua realidade e resolvem fugir para o lugar perfeito ou tempo perfeito, todos esses lugares são

perfeitos pelo modo que o autor conta dois desses lugares tratam-se de ficção um lugar perfeito até para quem está lendo.

(aluno "J" 1º ano – Anexo 01)

Outro ponto muito importante é a fuga da realidade, para o mundo de fuga das coisas atuais, em dois textos, e no terceiro as terras distantes oferecem prazeres, dinheiro, fartura, também um exemplo de uma vida eterna e outras coisas como um tipo de Machismo as referências, "que terei a mulher que eu quero na cama que escolherei".

(aluna "G" 1º ano – Anexo 02)

Os três (textos) conta expressão de medo e desordem que os dias de hoje nos oferece. Não podemos mais sair as ruas à noite para encontrar com os amigos, a violência é grande, as cidades estão cheias de poluição, tudo mudou não é mais como antigamente.

(aluno "G" 1º ano - Anexo 03)

Ele quer ir embora para pasárgada, porque [...] onde ele estava vivendo ele não tinha o direito de alguma coisa ou augem.

(aluno "R" 1º ano – Anexo 04)

Iniciemos pelas colocações da aluna “G” e o aluno “R”. Notamos que na colocação da aluna “G” “como um tipo de Machismo as referências, "que terei a mulher que eu quero na cama que escolherei”, demonstra uma análise bem feminista da obra; observamos através da escolha do termo “machismo” que a estudante interpreta este verso como uma ofensa à figura feminina, diferente da interpretação do aluno “R” que o compreende como um presente o qual ele pode escolher: “ele quer ir embora para pasárgada, porque [...] onde ele estava vivendo ele não tinha o direito de escolher alguma coisa”. Nessas colocações podemos observar a disparidade de pensamento do público feminino e do público masculino, como também a experiência de mundo diferenciada que cada leitor apresenta ao deparar-se com a leitura do mesmo trecho da obra; esses fatores interferem assim na obtenção dos significados do texto.

Segundo Jouve (2002), essa interpretação pode ser entendida a partir da relação que o leitor faz entre a sua vivência de mundo e o texto, uma relação receptiva e ativa, as duas ocorrendo no mesmo instante durante a leitura. Assim, “o leitor vai tirar de sua relação com o texto não somente um “sentido”, mas também uma “significação” (grifos do autor) (JOUVE, 2002, p.128). É nesse momento que o leitor vai obtendo significados para sua leitura, pois ele contrapõe a sua experiência leitora com a visão de mundo que possui.

¹ Os trechos acima explícitos obedecem a maneira como foram escritos pelos estudantes.

Com relação à influência e identificação que o texto lido provoca em cada leitor, observemos as colocações dos estudantes “G” e “J”. Eles corroboram no sentido de que o indivíduo deseja fugir do contexto no qual se encontra inserido. Entretanto, divergem com relação aos motivos apresentados para tal fuga. Enquanto a aluna “G” enumera razões como dinheiro, fartura e prazeres, o aluno “J” reflete trazendo para discussão a figura de um homem infeliz que busca não apenas os bens materiais, mas a felicidade por completo, ao menos em sua imaginação.

Segundo Jauss (1979), o leitor possui a liberdade de entrar no contexto da obra a ponto de tornar-se parte dela. Observamos de forma efetiva esse posicionamento do autor nas colocações expressas pelo aluno “G”. Notamos que há um envolvimento do leitor com o texto literário fazendo-o identificar-se com o universo de ações dentro da obra, concretizando o processo de fruição estética designado por *aisthesis* que é, “o prazer estético da percepção reconhecedora e do reconhecimento perceptivo, explicado por Aristóteles pela dupla razão do prazer ante o imitado.” (JAUSS, 1979, p.101), ou seja, o leitor transforma-se no decorrer da leitura em parte integrante do texto ao qual foi apresentado.

Essas afirmações nos faz inferir que durante a leitura de um texto os leitores inserem-se no jogo existente entre a tripartite autor-obra-leitor até estabelecer uma interpretação final da obra. A necessidade de compreensão e a dinâmica realizada entre as três partes supracitadas nos impulsionam na busca de um resultado, ou seja, o significado do texto, sendo esse jogo o que nos proporciona o prazer perante a realização de uma leitura.

1.8 Sétimo momento: um novo recurso - a música

Este sétimo momento aconteceu no dia 29 de novembro de 2011, neste dia finalizamos nossas atividades. Resolvemos realizar um momento de descontração para nossos discentes levamos para sala de aula a música “Além do horizonte” dos autores Roberto Carlos e Erasmo Carlos, transformado o ambiente da sala da aula em um lugar mais relaxado e divertido. Pensando em uma possível melhor recepção dos nossos alunos, escolhemos a versão de Jota Quest para essa música, tanto por ela estar na mídia como tema de uma novena da Rede Globo, como também pelos nossos alunos serem jovens entre 15 e 18 anos. Entretanto, para nosso

estranhamento, os alunos preferiam ter escutado a versão original, por proporcionar mais emoção a quem escuta fazendo-o refletir profundamente.

Sabemos que a música é um instrumento de interação bastante envolvente. Embora ela não estivesse na versão original, os alunos cantaram e participaram ativamente do nosso último encontro. A aluna “K” retomou o tema explorado nas aulas anteriores, argumentando que a letra da música apresentava mais uma vez a fuga da realidade vivenciada e que a verdadeira alegria encontra-se na obtenção e construção das pequenas coisas. Para isso ela utilizou como argumentação os trechos,

Além do horizonte deve ter
 Algum lugar bonito
 Pra viver em paz
 Onde eu possa encontrar
 A natureza
 Alegria e felicidade
 Com certeza...
 Lá nesse lugar
 O amanhecer é lindo
 Com flores festejando
 Mais um dia que vem vindo...
 Onde a gente pode
 Se deitar no campo
 Se amar na relva
 Escutando o canto
 Dos pássaros
 (ROBERTO; ERASMO, 1975)

Segundo a estudante momentos simples da vida como: deitar no chão, observar as flores e ouvir o canto dos pássaros são acontecimentos singelos, mas que proporcionam uma alegria reconfortante.

O aluno “I” trouxe para nossa discussão o movimento da Jovem Guarda que foi um “BUM!” (expressão utilizada pelo estudante) não só na história da música, mas em todas as ramificações sócio-econômica do país. A menção desse movimento provocou os alunos à discussão, fazendo-os realizar uma retrospectiva histórica, refletindo sobre a força que a juventude expressava através dos manifestos populares de construir um país melhor, no qual a igualdade para todos era o principal objetivo a ser alcançado. Os alunos realizaram um paralelo

entre o jovem existente atualmente na nossa sociedade com a juventude dos anos 60, refletindo sobre a passividade do jovem de hoje contrapondo com a coragem da juventude de décadas passadas; esses e outros temas como a censura, a repressão foram discutidos pelos nossos discentes.

O aluno “J” trouxe para discussão a temática amorosa fundamentando suas colocações nos versos,

Se você não vem comigo
Nada disso tem valor
De que vale
O paraíso sem amor
(ROBERTO; ERASMO, 1975)

realizando uma intertextualidade com a Bíblia. O aluno afirmou que o amor é o responsável maior da felicidade humana. Ele argumentou que Deus quando construiu o paraíso fez Adão e Eva um para ser companheiro do outro e que a felicidade para ser vivida completamente necessita ser compartilhada com alguém.

A aluna “B” refletiu sobre a temática trabalhada durante as nossas aulas, fuga da realidade, realizando um paralelo entre a falta de paz apresentada atualmente e a calma e tranquilidade encontradas supostamente no lugar relatado no texto. Ela elencou os seguintes versos para sua argumentação,

Além do horizonte deve ter
Algum lugar bonito
Pra viver em paz
(ROBERTO; ERASMO, 1975)

Perguntamos à aluna o porquê da palavra “supostamente”. Ela nos respondeu que devido à utilização dos verbos “deve ter”, deixava uma dúvida se realmente existiria esse lugar para “viver em paz”. Nesse momento, os alunos inseriram-se na discussão. Alguns argumentando que o texto apresentava com clareza que existia o tal lugar. Para isso o aluno “C” baseou-se nos seguintes versos,

Lá nesse lugar
O amanhecer é lindo
Com flores festejando

(ROBERTO; ERASMO, 1975)

argumentando que através do verso “Lá nesse lugar”, apresentava uma certeza de que o lugar existia e que os versos seguintes fundamentam a veracidade do local.

Partindo dos estudos de Iser (1979) e nas argumentações supracitadas por nossos estudantes, observamos que o movimento realizado entre o leitor e o texto produz o que o estudioso chama de “suplemento”, pois a multiplicidade de significados que o texto provoca nos leitores faz com que eles se envolvam e tomem decisões com o intuito de obter resultados daquilo que estão analisando. Entretanto, o “suplemento” não se encerra apenas neste ponto, obtenção completa do significado. Ele, ao mesmo tempo, deixa o jogo livre para a tomada de outras decisões, que dependerá do receptor do texto. Assim,

Se o “suplemento” (grifo do autor) é produto desses traços contrapostos, podemos extrair duas conclusões: 1. O “suplemento” (grifo do autor), como o significado do texto, é engendrado através do jogo e, portanto não há um significado prévio ao jogo. 2. A geração do “suplemento” (grifo do autor) através do jogo admite diferentes desempenhos por diferentes leitores no ato de recepção – e isso mesmo na medida que pode ser jogado ou para que se alcance a vitória (o estabelecimento do significado) ou para que se mantenha o jogo livre (a conservação em aberto do significado). (ISER, 1979, p. 109)

Após essa discussão nos despedimos dos alunos e realizamos algumas perguntas sobre as aulas vivenciadas. Alguns se pronunciaram relatando que após as nossas aulas estavam tendo uma impressão diferente das aulas de literatura. A aluna “K” mencionou ter apreciado tanto a leitura do cordel, que havia comprado alguns exemplares e estava se deleitando na leitura dos mesmos, refletindo em alguns momentos e em outros dando boas gargalhadas sobre as histórias encontradas nos versos populares.

O aluno “J” relatou-nos que após as nossas aulas sobre o poema de Jessier Quirino procurou na internet e realizou downloads de alguns poemas desse autor. Dentre os poemas encontrados o que mais havia lhe impressionado foi “Comício de Beco Estreito”, no qual ele refletiu parecer bastante com a situação política vivenciada na nossa região: “de um lado os vermelhos e de outro os amarelos” (relato do nosso estudante). Por fim agradecemos à acolhida durante o estágio, pedimos que eles fortalecessem este vínculo com a leitura e que ela pudesse

tornar-se uma constante na vida de cada um.

Notamos através das experiências vivenciadas durante nosso estágio que a interação entre a tripartite autor-obra-leitor foi efetivamente executada por nosso público-alvo. Também podemos observar, no decorrer das argumentações elencadas nesta análise de dados, que as relações de efeito e recepção entre o aluno-leitor e o texto puderam ser efetivadas, transformando as nossas aulas em um momento propício a leitura do texto literário de maneira envolvente e dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de Literatura devem aprimorar a formação de leitores reflexivos, conscientes do seu papel de co-autor na construção dos significados do texto. Assim, o processo evolutivo de aprendizagem do estudante deve ser um compromisso executado entre as três partes: aluno, escola e professor. Só dessa forma o ensino será quantitativo e principalmente qualitativo.

Mediar a leitura de uma obra e proporcionar condições para que leitor encontre-se inserido dentro do contexto literário discursivo são alvos que o professor de literatura deve buscar durante a leitura do texto literário. Por isso, os manuais educacionais, a exemplo, dos PCN e dos RCEM têm defendido com bastante empenho o aprimoramento das aulas de literatura dentro das salas de aulas. Esses documentos apresentam propostas metodológicas que abandonam o ensino literário tradicional, oferecendo aos estudantes a possibilidade de serem verdadeiros produtores de ideias, indivíduos capazes de interagir com a leitura do texto literário.

Partindo do pressuposto apresentado pelos referenciais supracitados podemos observar que estes se encontram relacionados com os objetivos propostos pela Estética da Recepção e a Teoria do Efeito, estudadas por Jauss e Iser, respectivamente, que trouxeram novos olhares em relação à análise de uma obra literária. Como observamos no decorrer do presente estudo, Jauss preocupa-se com a estética receptiva da obra, conferindo ao leitor a instituição dos parâmetros necessários para seu estudo. Todavia, essa instituição deve ser vista de forma coletiva, pois a teoria defendida por ele ocupa-se com a recepção grupal da obra.

Enquanto Jauss concentrava sua preocupação no caráter coletivo da obra, Iser revela através dos seus estudos a importância de observar o diálogo executado entre a tripartite autor-texto-leitor, descobrindo através do processo de leitura a comunicação e o entrecruzamento desses elementos. Ao leitor é atribuído à participação ativa na construção dos significados do texto lido, o que proporcionou uma revolução nas clássicas concepções teóricas da década de 60, referente à análise e interpretação que os estudiosos conferiam às obras literárias.

Baseados nessas argumentações, procuramos na execução do nosso estágio apresentar a leitura dos textos literários de maneira diferente, mostrando que ela pode e é um processo de aprendizagem prazeroso, podendo este resultado ser alcançado de maneira individual e/ou

coletiva. Trabalhamos com os alunos textos que apresentavam o tema “Fuga da realidade”; procuramos mediar as discussões, auxiliando nas impressões acerca das obras e colocando-as em paralelo com as experiências vivenciadas pelos estudantes. Essa experiência nos trouxe resultados bastante satisfatórios que impulsionaram a elaboração deste trabalho.

Nosso objetivo com a construção deste estudo foi apresentar os resultados obtidos na vivência da sala de aula, os desafios enfrentados e as metas alcançadas durante este ciclo de prática do ensino literário. Os textos literários que selecionamos nos proporcionaram condições de efetuarmos aulas dinâmicas, interativas e envolventes. Utilizamos vários artifícios para inserir os alunos-leitores dentro das discussões e obtivemos êxito com essa experiência tão enriquecedora para nossa futura prática de ensino. Tivemos algumas decepções no início do nosso estágio, como a falta de interesse de determinados estudantes. No entanto elas nos impulsionaram a continuar o trabalho planejado, pois tínhamos a certeza de que obteríamos resultados satisfatórios ao término da nossa prática docente.

Dentre as inúmeras conquistas podemos elencar a transformação vivenciada por alguns discentes que mostravam total desinteresse em realizar atividades de leitura e escrita, mas que no decorrer do nosso estágio se propuseram a desempenhar as atividades propostas. Conforme nos informou a professora titular da turma, alguns estudantes recusavam-se a participar das aulas, não cumpriam com nenhuma atividade proposta e ainda impediam o aprendizado dos demais alunos, seja através de conversas paralelas ou de alguma peripécia. Esse é o caso do aluno “A”. A docente nos informou que o rendimento desse aluno era péssimo antes da nossa chegada, porém no decorrer das aulas o aproveitamento dele havia melhorado bastante. Segundo a professora, durante as aulas que ela ministrava nos demais dias da semana observou o aluno lendo cordéis e perguntando o significado de algumas palavras e expressões contidas neles.

Outro estudante que merece ser mencionado é a aluna “K”, a qual nos relatou ter conhecido outro universo após deparar-se com a riqueza explorada pela Literatura Popular. Ela afirmou ter se apaixonado principalmente pela Literatura de Cordel e sempre que passava próximo a uma banca de jornal comprava alguns para ler. Ela nos mostrou em uma das nossas aulas alguns desses folhetos, compartilhando a história contida neles e as impressões que tivera acerca das obras. Assim, podemos inferir que o processo de leitura é uma experiência enriquecedora, isso porque o texto é um instrumento que age sobre o leitor de forma a estimulá-lo na descoberta de novas leituras.

Outro tópico que merece ser destacado refere-se ao momento em que os estudantes descobriram ser capazes de ler, compreender e interpretar um poema pertencente ao cânone literário, como é o caso do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira. Diversos estudantes refletiram que muitas vezes eles criam conceitos prévios sobre a leitura de determinado texto, bloqueando, assim, a compreensão da obra. Observamos que a estratégia em ocultar o nome do autor estimulou os alunos, motivando-os a analisar o texto sem restrições.

A proposta de atividade escrita que realizamos foi apreciada pela docente. Ela adotou-a como avaliação em uma das notas do quarto bimestre, isso devido ao empenho que a grande maioria dos estudantes apresentou ao realizar a atividade proposta. Para nós, estagiários, esses relatos foram de extrema importância, pois tivemos a sensação de metas e objetivos alcançados, tendo em vista o desinteresse apresentado inicialmente pelos alunos. Perceber que a leitura literária tornou-se para a maioria dos estudantes uma prática produtiva na qual eles sentiram-se motivados a ler novos textos, impulsionando-nos a sonhar novos patamares referentes às atividades de leitura literária dentro do contexto escolar.

Todavia, mudar a forma de pensamento de um indivíduo em relação a uma concepção formada e adquirida com o passar dos anos não é uma tarefa fácil. Por esse motivo, sabemos que a concepção referente à leitura de textos literários contida nos nossos estudantes não foi totalmente reformulada. É necessário um trabalho árduo e contínuo. Ao terminarmos nosso estágio saímos com a certeza de que o primeiro passo tinha sido dado, mas que muito trabalho ainda tinha que ser realizado; infelizmente, não podíamos acompanhar esses alunos que acabavam descobrindo o prazer pela leitura de textos literários, visto que nosso estágio tinha chegado ao fim.

Finalizando a nossa conversa, mas sem findar o assunto apresentado pelo nosso estudo, observamos que é necessário possibilitar ao aluno-leitor uma aquisição de conhecimentos através de uma prática de leitura agradável e envolvente, para que a leitura de textos literários deva tornar-se um exercício constante na vida dos estudantes. Assim sendo, a leitura desses textos precisa ser, tanto um processo que proporcione o desenvolvimento da capacidade de leitura do indivíduo, como também possibilite uma fruição agradável durante a obtenção desses conhecimentos indispensáveis para o sucesso escolar e para vida pessoal do futuro cidadão.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. **Vou-me Embora pra Parsárgada**. Disponível em <http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp> Acesso em: 06 set. 2011
- BRASIL – SEB. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**, v. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CAMILO, Manuel. **Viagem a são Saruê**. Disponível em <<http://poesiacontraaguerra.blogspot.com.br/2010/11/viagem-sao-sarue.html>> Acesso em: 06 set. 2011
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo. Série Princípios. Editora Ática, 1986.
- COLOMER, Tereza. A articulação escolar da leitura literária. In **Andar entre livros: a leitura literária na escola** / Tereza Colomer; tradução Laura Sandroni. São Paulo. Editora: Global, 2007.
- _____, Ler, expandir e conectar. In **Andar entre livros: a leitura literária na escola** / Tereza Colomer; tradução Laura Sandroni. São Paulo. Editora: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo. Editora Contexto, 2006.
- COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **Estética da recepção e teoria do efeito**. Disponível em <http://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf> Acesso em: 10 abr. 2012.
- CARLOS, Erasmo; CARLOS, Roberto. **Além do horizonte**. Versão de Jota Quest. Disponível em <<http://letras.mus.br/jota-quest/265508/>> Acesso em: 06 set. 2011
- ISER, Wolfgang. O Jogo do texto. In **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção** / Hans Robert Jauss; coordenação e tradução de Luiz costa Lima. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1979.
- JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis. In **A leitura e o leitor: textos de estética da recepção** / Hans Robert Jauss; coordenação e tradução de Luiz costa Lima. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1979.
- JOUBE, Vicent. O impacto da leitura. In **A leitura** / Vicent Jouve; tradução Brigitte Hervot. São Paulo. Editora UNESP, 2002.
- PARAÍBA. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba**. João Pessoa: Secretaria de Educação, 2006.

QUIRINO, Jessier. **Vou-me embora pro passado.** Disponível em
<http://www.releituras.com/jessierq_passado.asp> Acesso em: 06 set. 2011

ANEXOS

Proposta de atividade e resposta aluno "J" – 1º ano "A"

Leia os três fragmentos abaixo dos textos já lidos e discutidos em sala de aula: Vou-me Embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira; Vou-me embora pro passado, de Jessier Quirino; e Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos. Em seguida, escreva um texto de análise mostrando as possíveis semelhanças e diferenças entre eles, visando elementos como: a temática, o direcionamento da temática, o estado de espírito do "eu" que se expressa no poema.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
[...]
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

VOU-ME EMBORA PRO PASSADO

Jessier Quirino

Vou-me embora pro passado
Lá sou amigo do rei
Lá tem coisas "daqui, ó!"
Roy Rogers, Buc Jones
Rock Lane, Dóris Day
Vou-me embora pro passado.
[...]
Vou-me embora pro passado
Que o passado é bom demais!
Lá tem meninas "quebrando"
Ao cruzar com um rapaz
Elas cheiram a Pó de Arroz
Da Cachemere Boucuet
Coty ou Royal Briar
Colocam Rouge e Laqué
English Lavanda Atlinsons
Ou Helena Rubinstein
Saem de saia plissada

Ou de vestido Tubinho
Com jeitinho encabulado
Flertando bem de fininho.

VIAGEM A "SÃO SARUÊ"

Manoel Camilo dos Santos

"Doutor mestre-pensamento"
me disse um dia: - Você
Camilo, vá visitar
o país "São Saruê"
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
[...]
Lá tem um rio chamado:
o banho da mocidade,
onde um velho de cem anos
tomando banho e vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

Nesses textos existem várias coisas em comum como por exemplo nos 3 textos existe um personagem satisfeito com a sua realidade e resolve fugir para o seu lugar perfeito ou tempo perfeito, todos esses lugares são perfeitos pelo modo que o autor conta deis desses lugares tratam-se de ficção um lugar perfeito até para quem está lendo, e entre é uma viagem no tempo para o tempo perfeito de uma pessoa insatisfita com sua realidade.

Mas nesses textos existem algumas diferenças: como deis personagens dessas histórias viajam no espaço enquanto o outro viaja no tempo, deis deis personagens tem uma amizade com o rei enquanto o outro não menciona nada a respeito

Proposta de atividade e resposta da aluna "G" – 1º ano "A"

Leia os três fragmentos abaixo dos textos já lidos e discutidos em sala de aula: Vou-me Embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira; Vou-me embora pro passado, de Jessier Quirino; e Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos. Em seguida, escreva um texto de análise mostrando as possíveis semelhanças e diferenças entre eles, visando elementos como: a temática, o direcionamento da temática, o estado de espírito do "eu" que se expressa no poema.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
[...]
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

VOU-ME EMBORA PRO PASSADO

Jessier Quirino

Vou-me embora pro passado
Lá sou amigo do rei
Lá tem coisas "daqui, ó!"
Roy Rogers, Buc Jones
Rock Lane, Dóris Day
Vou-me embora pro passado.
[...]
Vou-me embora pro passado
Que o passado é bom demais!
Lá tem meninas "quebrando"
Ao cruzar com um rapaz
Elas cheiram a Pó de Arroz
Da Cachemere Bouquet
Coty ou Royal Briar
Colocam Rouge e Laquê
English Lavanda Atkinson
Ou Helena Rubinstein
Saem de saia plissada

Ou de vestido Tubinho
Com jeitinho encabulado
Flertando bem de fininho.

VIAGEM A "SÃO SARUÊ"

Manoel Camilo dos Santos

"Doutor mestre pensamento"
me disse um dia: - Você
Camilo, vá visitar
o país "São Saruê"
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
[...]
Lá tem um rio chamado:
o banho da mocidade,
onde um velho de cem anos
tomando banho e vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

Os três textos são muito semelhantes, tanto no modo da escrita, quanto a referência, muitas vezes muito importantes, é a fuga da realidade, para o mundo de fugas das coisas atuais, em dois textos, e no terceiro as terras distantes de seus prazeres, de beleza, natureza, também um exemplo de um vida eterna, se em si também em um rio com semelhanças e outras como um tipo de nostalgia da referência, "que fui a mulher que eu que na cama que escolherei".

Podemos ver como diferenças em alguns, um texto, vou-me embora pro passado, que fala de um retrocesso, ele que não fazer coisas que ele não tinha feito, apreciar as coisas como as coisas antigas, o modo de se vestir, e de pensar.

Os textos Pasárgada, São Saruê. São muito semelhantes, duas iguais, eles se se distanciam em algumas referências como o gênero e as terras reais.

Proposta de atividade e resposta aluno "G" - 1º ano "A"

Leia os três fragmentos abaixo dos textos já lidos e discutidos em sala de aula: Vou-me Embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira; Vou-me embora pro passado, de Jessier Quirino; e Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos. Em seguida, escreva um texto de análise mostrando as possíveis semelhanças e diferenças entre eles, visando elementos como: a temática, o direcionamento da temática, o estado de espírito do "eu" que se expressa no poema.

VOU-ME EMBOIRA PRA PASÁRGADA*Manuel Bandeira*

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
[...]
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

VOU-ME EMBOIRA PRO PASSADO*Jessier Quirino*

Vou-me embora pro passado
Lá sou amigo do rei
Lá tem coisas "daqui, ó!"
Roy Rogers, Buc Jones
Rock Lane, Dóris Day
Vou-me embora pro passado.
[...]
Vou-me embora pro passado
Que o passado é bom demais!
Lá tem meninas "quibrando"
Ao cruzar com um rapaz
Elas cheiram a Pó de Arroz
Da Cachemere Bouquet
Coty ou Royal Briar
Colocam Rouge e Laqué
English Lavanda Atkinson
Ou Helena Rubinstein
Saem de saia plissada

Ou de vestido Tubinho
Com jeitinho encabulado
Flertando bem de fininho.

VIAGEM A "SÃO SARUÊ"*Manoel Camilo dos Santos*

"Doutor mestre pensamento"
me disse um dia: - Você
Camilo, vá visitar
o país "São Saruê"
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
[...]
Lá tem um rio chamado:
o banho da mocidade,
onde um velho de cem anos
tomando banho e vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

MANUEL BANDEIRA.

ELE CONTA UMA HISTÓRIA DE UMA CIDADE QUE NÃO EXISTE, POIS ESSE LUGAR TEM TUDO DE BOM, E ELE FAZ O QUE QUER SEM RESTRIÇÕES SEM MEDO.

JESSIER QUIRINO.

ELE CONTA UMA HISTÓRIA COMO SE PUDESSE VOLTAR PRO PASSADO POIS AGORA NADA É COMO ANTES. ELE SENTE SAUDADES DOS TEMPOS PASSADOS ONDE SE PODIA DANÇAR BRINCAR E PROZAR PELAS RUAS.

MANOEL CAMILO.

ELE CONTA UMA HISTÓRIA DE UM LUGAR BOM DE SE VIVER POIS NESSE LUGAR TUDO ERA MUITO FÁCIL.

OS TRÊS ^{CONTA} EXPRESSÃO DE MEDO E DESORDEM QUE OS DIAS DE HOJE NOS OFERECE. NÃO PODEMOS MAS SAIR AS RUAS A NOITE PARA SE ENCONTRAR COM OS AMIGOS, A VIOLENCIA É GRANDE, AS CIDADES ESTÃO CHEIAS DE POLÍCIA, TUDO MUDOU. NÃO É MAIS COMO ANTIGAMENTE.

Proposta de atividade e resposta aluno "R" - 1º ano "A"

Leia os três fragmentos abaixo dos textos já lidos e discutidos em sala de aula: Vou-me Embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira; Vou-me embora pro passado, de Jessier Quirino; e Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos. Em seguida, escreva um texto de análise mostrando as possíveis semelhanças e diferenças entre eles, visando elementos como: a temática, o direcionamento da temática, o estado de espírito do "eu" que se expressa no poema.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
[...]
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

VOU-ME EMBORA PRO PASSADO

Jessier Quirino

Vou-me embora pro passado
Lá sou amigo do rei
Lá tem coisas "daqui, ó!"
Roy Rogers, Buc Jones
Rock Lane, Dóris Day
Vou-me embora pro passado.
[...]
Vou-me embora pro passado
Que o passado é bom demais!
Lá tem meninas "quebrando"
Ao cruzar com um rapaz
Elas cheiram a Pó de Arroz
Da Cachemere Bouquet
Coty ou Royal Briar
Colocam Rouge e Laquê
English Lavanda Atkinsons
Ou Helena Rubinstein
Saem de saia plissada

Ou de vestido Tubinho
Com jeitinho encabulado
Flertando bem de fininho.

VIAGEM A "SÃO SARUÊ"

Manoel Camilo dos Santos

"Doutor mestre pensamento"
me disse um dia: - Você
Camilo, vá visitar
o país "São Saruê"
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
[...]
Lá tem um rio chamado:
o banho da mocidade,
onde um velho de cem anos
tomando banho e vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

Nos 3 textos ele relembra que quer embora de algum lugar, pois os lugares onde ele estava se referindo não era iguais a como de antigamente.

No 1º texto ele quer ir embora para Pasárgada, porque lá ele é amigo do rei e lá onde ele estava vivendo ele não tinha esse direito de escolher ou alguma coisa ou alguma. Já no 2º texto ele também relembra que ele é amigo do rei, ele diz que no passado tudo era melhor as meninas as músicas e etc, como hoje não é assim ele tenta fazer uma pequena comparação. E por último ele fala de um país que se chama São Saruê ele fala que lá tem uma fonte que se chama "rio da mocidade" e a pessoa que entra nela lá totalmente diferente. Nos 3 textos ele sempre faz uma comparação com os dias atuais.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Plano de Atividades

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA

COMPONENTE CURRICULAR: Estágio Supervisionado IV

PROFESSORES: Adalberto Teixeira Rodrigues/ Ranieri Melo

EQUIPE: Joab Vasconcelos da Silva

Luciana Ferreira Cavalcanti

Maria do Carmo da Silva

LOCAL DO ESTÁGIO: Escola Estadual de Ensino médio Dr. Elpídio de Almeida

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora: Ana Lídia

Turno: Noite

Turma: 1º Ano A

Plano de Atividades

Gêneros: Cordel, Poema matuto, Poema e Música

Tema: Fuga da Realidade

Competências:

1. Formar indivíduos capazes de dialogar com um texto;
2. Incentivar os alunos a ativarem seus conhecimentos prévios para a construção do que se apresenta como novo;
3. Incitar no aluno a percepção de relações entre textos apresentados;

4. Levar o aluno a conhecer a liberdade própria do texto literário;
5. Promover o gosto pela leitura literária, de maneira que o aluno possa escolher os textos a serem lidos de forma autônoma;

Conteúdo: Gênero textual literário em versos: sua estrutura (a métrica, a rima, o ritmo); as características particulares de cada texto, semelhanças e diferença referentes a outros gêneros literários; figuras de linguagem, como metáfora e ironia.

Metodologia: Exposição oral, leitura individual e coletiva de textos, dinâmica e atividade escrita de interpretação (percepção) dos textos lidos.

Procedimentos metodológicos: será efetivada uma ação de leitura de textos literários, tendo em vista a necessidade visível desse trabalho, pois os alunos já possuem algum material teórico, mas falta-lhes conhecer textos para a aplicação das teorias; assim, a intervenção terá os seguintes procedimentos:

1º momento

- Informar aos alunos o porquê de nossa presença e quais os nossos objetivos em sala de aula;
- Entregar para os alunos o questionário de sondagem (Apêndice II) e pedir que eles respondam as questões;

2º momento

- Entregar aos alunos a xérox do cordel “Viagem a São Saruê”, (Apêndice III) de Manoel Camilo dos Santos;
- Discorrer sobre a biografia do autor para informação dos alunos;
- Realizar uma leitura individual, e depois coletiva com a entonação que o texto requer;
- Levantar pontos de discussão para que os alunos possam interagir, mostrando sua percepção/recepção do texto lido;
- Incentivar os alunos a identificar a temática do texto e a refletirem sobre a possibilidade de haver relação com o seu cotidiano;
- Incentivar os alunos a identificar partes do texto que possam fazer referência a outros textos (ou discursos), a respeito dos quais eles já tiveram algum contato;
- Discorrer sobre a estrutura do texto como causa de sentidos.

3º momento

- Entregar aos alunos a xérox do poema “Vou-me embora pro passado”, (Apêndice IV) de Jessier Quirino;
- Contextualizar o autor do poema, para que os alunos conheçam um pouco de sua biografia, seu estilo;
- Incentivar o diálogo dos alunos com o texto atual e o texto do encontro 1, de maneira que eles percebam as semelhanças temáticas e as particularidades de cada um, como as perspectivas de fuga;
- Levar os alunos, a partir das discussões, a perceberem as intertextualidades presentes tanto entre os três textos quanto em outros, dos quais se apropriam estes;
- Levar os alunos a ativarem sua memória discursiva, lembrando experiências que talvez já tenham sido contadas por seus pais, visto que o texto “Vou-me embora pro passado” traz informações muito ricas a respeito da geração dos pais dos alunos.

4º momento

- Retomar o texto da aula passada “Vou-me embora pro passado” (Apêndice IV) de Jessier Quirino;
- Levar os alunos a relatar as descobertas encontradas após a releitura, conversa com familiares e/ou pesquisa sobre os alguns termos encontrados no poema;
- Levar os alunos, a partir das discussões, a perceberem as intertextualidades presentes tanto entre os três textos quanto em outros, dos quais se apropriam estes;
- .Levar os alunos a descobrirem novos pontos que não foram explorados na aula passada.

5º momento

- Entregar aos alunos a xérox do poema “Vou-me embora para Pasárgada”, (Apêndice V) de Manuel Bandeira;
- Realizar uma leitura individual, e depois coletiva do texto apresentado;
- Discutir com os alunos as percepções ideológicas que eles puderam ter durante a leitura do poema

- Dialogar com os alunos a respeito dos pontos semelhantes do texto atual com o texto discutido no 2º, 3º e 4º encontro;
- Mostrar aos alunos a existência no poema de recursos formais importantes na formação de sentido, como as metáforas.
- Discorrer sobre a biografia do autor para informação dos alunos;

6º momento

- Entregar aos alunos a xérox de uma atividade (Anexo VI) que contempla os três textos referentes aos encontros 2, 3 e 5;
- O texto exigido será de caráter argumentativo, que mostre as semelhanças e diferenças entre os textos estudados e comentados, a partir de elementos dos próprios textos que comprovem tais fatos;
- Auxiliar nas eventuais dúvidas que os alunos possam ter na decodificação do enunciado;
- Exigir que a atividade seja entregue até o final da aula.

7º momento

- Entregar aos alunos a xérox da música “Além do Horizonte” (Anexo VII) de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, na versão de Jota Quest;
- Executar a música e pedir que os alunos acompanhem a letra que está sendo executada;
- Contextualizar os compositores da música, para que os alunos conheçam um pouco de sua biografia;
- Discutir com os alunos a respeito dos levantamentos encontrados durante a leitura e execução da música;
- Levar os alunos a realizarem um paralelo entre os textos trabalhados nos encontros passados, refletindo sobre as semelhanças e diferenças entre eles;
- Final da nossa interferência no componente curricular Estágio Supervisionado IV.

Avaliação: As avaliações deverão ser realizadas em sala de aula e fora de sala, tendo sempre como objeto de análise o texto literário.

APÊNDICE II

Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – Prata

Professor (a): Ana Lúcia

Estagiários: Joab, Luciana e Maria do Carmo

QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM

Com o intuito de podermos saber um pouco mais sobre vocês, elaboramos este pequeno questionário que deve ser respondido com toda sinceridade, não precisam assinar.

1. Quais os meios de comunicação que você utiliza para se manter informado (rádio, TV etc)?

2. Quais os textos que você costuma ler (jornais, revistas, livros, poemas, contos etc)?

3. Você sabe usar o computador? Tem acesso a internet? Quais os sites que costuma visitar?

4. Quais o seu lazer preferido (teatro, cinema, balada, futebol etc)?

5. Qual estilo de música você gosta (funk, rap, axé, forró etc)?

6. Você costuma escrever que tipos de textos(cartas, artigo de opinião, script etc)?

APÊNDICE III

Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – Prata
Professor (a): Ana Lúcia
Estagiários: Joab, Luciana e Maria do Carmo

VIAGEM A SÃO SARUÊ

<p>Doutor mestre pensamento me disse um dia: —Você Camilo vá visitar o país São Saruê pois é o lugar melhor que neste mundo se vê.</p>	<p>As dunas da beira mar uma cidade como nunca vi igual toda coberta de ouro e forrada de cristal ali não existe pobre é tudo rico em geral.</p>	<p>Avistei</p>	<p>o trigo invés de semente bota cachadas de pão manteiga lá cai das nuvens fazendo ruma no chão.</p>	<p>além dos cachos que tem casca e folha é tudo nota</p>
<p>Eu que desde pequenino sempre ouvia falar nesse tal São Saruê destinei-me a viajar com ordem do pensamento fui conhecer o lugar.</p>	<p>Uma barra de ouro puro servindo de placa eu vi com as letras de brilhante chegando mais perto eu li dizia: - São Saruê é este lugar aqui.</p>	<p>Os peixes lá são tão mansos com o povo acostumados saem do mar vem pras casas são grandes, gordos e cevados é só pegar e comer pois todos vivem guisados.</p>	<p>Quando avistei o povo fiquei de tudo abismado uma gente alegre e forte um povo civilizado bom, tratável e benfazejo por todos fui abraçado.</p>	<p>Lá quando nasce um menino não dar trabalho a criar Já é falando e já sabe ler, escrever e contar salta, corre, canta e faz tudo quanto se mandar.</p>
<p>Iniciei a viagem as quatro da madrugada tomei o carro da brisa passei pela alvorada junto do quebrar da barra eu vi a aurora abismada.</p>	<p>O povo em São Saruê tudo tem felicidade passa bem anda decente não há contrariedade não precisa trabalhar e tem dinheiro a vontade.</p>	<p>Tudo lá é bom e fácil não precisa se comprar não há fome nem doença o povo vive a gozar tem tudo e não falta ninguém precisar trabalhar.</p>	<p>Lá não se vê mulher feia e toda moça é formosa bem educada e decente bem trajada e amistosa é qual um jardim de fadas repleto de cravo e rosa.</p>	<p>Lá tem um rio chamado o banho da mocidade onde um velho de cem anos tomando banho a vontade quando sai fora parece</p>
<p>Pela aragem matutina eu avistei bem defronte a irmã da linda aurora que se banhava na fonte já o sol vinha espargindo no além do horizonte</p>	<p>Lá os tijolos das casas são de cristal e marfim as portas barras de prata fechaduras de "rubim" as telhas folhas de ouro e o piso de sitim.</p>	<p>Maniva lá não se planta nasce e invés de mandioca bota cachos de beijú e palmas de tapioca milho a espiga é pamonha e o pendão é pipoca.</p>	<p>As canas em São Saruê não tem bagaço (é gozado) umas são canos de mel outras açúcar refinado as folhas são cinturão de pelica e bem cromado.</p>	<p>ter vinte anos de idade.</p>
<p>Surgiu um dia risonho na primavera imponente as horas passavam lentas o espaço incandescente transformava a brisa mansa em um mormaço dolente.</p>	<p>Lá eu vi rios de leite barreiras de carne assada lagoas de mel de abelha atoleiros de coalhada açudes de vinho do porto montes de carne guisada.</p>	<p>Lá os pés de casimira brim, borracha e tropical de nacyron, belga e linho e o famoso diagonal já bota as roupas prontas próprias para o pessoal.</p>	<p>Os pés de chapéus de massa são tão grandes e carregados os de sapatos da moda têm cada cachos "aloprados" os pés de meias de sêda chega vive "escangalhados".</p>	<p>É um lugar magnífico onde eu passei muitos dias bem satisfeito e gozando prazer, saúde, alegrias todo esse tempo ocupei-me em recitar poesias.</p>
<p>Passei do carro da brisa para o carro do mormaço o qual veloz penetrou no além do grande espaço nos confins do horizonte senti do dia o cansaço.</p>	<p>As pedras em São Saruê as cacimbas são café já coado e com quentura</p>	<p>Os pés de chapéus de massa são tão grandes e carregados os de sapatos da moda têm cada cachos "aloprados" os pés de meias de sêda chega vive "escangalhados".</p>	<p>Sítios de pés de dinheiro que faz chamar atenção os cachos de notas grandes chega arrastam pelo chão as moitas de prata e ouro são mesmo que algodão.</p>	<p>Lá existe tudo quanto é de beleza tudo quanto é bom, belo e bonito, parece um lugar santo e bendito ou um jardim da divina Natureza: imita muito bem pela grandeza a terra da antiga promessa para onde Moises e Aarão conduziam o povo de Israel, onde dizem que corriam leite e mel e caia manjar do céu no chão.</p>
<p>Enquanto a tarde caia entre mistério e segredos a viração docilmente afagava os arvoredos os últimos raios de sol bordavam os altos penedos</p>	<p>são de queijo e rapadura de tudo assim por diante existe grande fartura.</p>	<p>Os pés de notas de mil</p>	<p>Tudo lá é festa e harmonia amor, paz, benquerer, felicidade descanso, sossego e amizade prazer, tranquilidade e alegria; na véspera de eu sair naquele dia um discurso poético, lá eu fiz, me deram a mandado de um juiz um anel de brilhante e de "rubim" no qual um letreiro diz assim: — é feliz quem visita este país. Vou terminar avisando a qualquer um amiguinho que quiser ir para lá</p>	<p>Morreu a tarde e a noite assumiu sua chefia deixei o mormaço e passei pro carro da neve fria vi os mistérios da noite .</p>

Esperando pelo dia.

Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar o mar revolto
banhando

sem comer vive cevado.

Galinha põe todo dia
invés de ovos é capão

carregam chegam encapota
pode tirar-se a vontade
quanto mais tira mais bota

posso ensinar o caminho,
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.

Manoel Camilo dos Santos

Disponível em <<http://poesiacontraaguerra.blogspot.com.br/2010/11/viagem-sao-sarue.html>>

APÊNDICE IV

Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – Prata
Professor (a): Ana Lúcia
Estagiários: Joab, Luciana e Maria do Carmo

Vou-me embora pro passado

Vou-me embora pro passado
Lá sou amigo do rei
Lá tem coisas "daqui, ó!"
Roy Rogers, Buc Jones
Rock Lane, Dóris Day
Vou-me embora pro passado.

Vou-me embora pro passado
Porque lá, é outro astral
Lá tem carros Vemaguet
Jeep Willes, Maverick
Tem Gordine, tem Buick
Tem Candango e tem Rural.

Lá dançarei Twist
Hully-Gully, Iê-iê-iê
Lá é uma brasa mora!
Só você vendo pra crê
Assistirei Rim Tim Tim
Ou mesmo Jinne é um Gênio
Vestirei calças de Nycron
Faroeste ou Durabem
Tecidos sanforizados
Tergal, Percal e Banlon
Verei lances de anágua
Combinação, califon
Escutarei Al Di Lá
Dominiqui Niqui Niqui
Me fartarei de Grapette
Na farrá dos piqueniques
Vou-me embora pro passado.
No passado tem Jerônimo
Aquele Herói do Sertão
Tem Coronel Ludugero
Com Otrope em discussão
Tem passeio de Lambreta
De Vespa, de Berlineta
Marinete e Lotação.

Quando toca Pata Pata
Cantam a versão musical
"Tá Com a Pulga na Cueca"
E dançam a música sapeca
Ô Papa Hum Mau Mau
Tem a turma prafrentex
Cantando Banho de Lua
Tem bundeira e piniqueira
Dando sopa pela rua
Vou-me embora pro passado

Vou-me embora pro passado
Que o passado é bom demais!

Coty ou Royal Briar
Colocam Rouge e Laquê
English Lavanda Atkinsons
Ou Helena Rubinstein
Saem de saia plissada
Ou de vestido Tubinho
Com jeitinho encabulado
Flertando bem de fininho.

E lá no cinema Rex
Se vê broto a namorar
De mão dada com o guri
Com vestido de organdi
Com gola de tafetá.
Os homens lá do passado
Só andam tudo tinindo
De linho Diagonal
Camisas Lunfor, a tal
Sapato Clark de cromo
Ou Passo-Doble esportivo
Ou Fox do bico fino
De camisas Volta ao Mundo
Caneta Shafers no bolso
Ou Parker 51
Só cheirando a Água Velva
A sabonete Gessy
Ou Lifebouy, Eucalol
E junto com o espelhinho
Pente Pantera ou Flamengo
E uma trunfinha no quengo
Cintilante como o sol.

Vou-me embora pro passado
Lá tem tudo que há de bom!
Os mais velhos inda usam
Sapatos branco e marrom
E chapéu de aba larga
Ramenzone ou Cury Luxo
Ouvindo Besame Mucho
Solfejando a meio tom.

No passado é outra história!
Outra civilização...
Tem Alvarenga e Ranchinho
Tem Jararaca e Ratinho
Aprentando a gozação
Tem assustado à Vermuth
Ao som de Valdir Calmon
Tem Long-Play da Mocambo

Mas Rosenblit é o bom
Tem Albertinho Limonta

Não se vê tantos horrores.

Lá no passado tem curso
Lança perfume Rodouro
Geladeira Kelvinator
Tem rádio com olho mágico
ABC a voz de ouro
Se ouve Carlos Galhardo
Em Audições Musicais
Piano ao cair da tarde
Cancioneiro de Sucesso
Tem também Repórter Esso
Com notícias atuais.
Tem petisqueiro e bufê
Junto à mesa de jantar
Tem bisquít e bibelô
Tem louça de toda cor
Bule de ágata, alguidar
Se brinca de cabra cega
De drama, de garrafão
Camoniboí, balinheira
De rolimã na ladeira
De rasteira e de pinhão.

Lá, também tem radiola
De madeira e baquelita
Lá se faz caligrafia
Pra modelar a escrita
Se estuda a tabuada
De Teobaldo Miranda
Ou na Cartilha do Povo
Lendo Vovô Viu o Ovo
E a palmatória é quem manda.

Tem na revista O Cruzeiro
A beleza feminina
Tem misse botando banca
Com seu maiô de elanca
O famoso Catalina
Tem cigarros Yolanda
Continental e Astória
Tem o Conga Sete Vidas
Tem brilhantina Glostora
Escovas Tek, Frisante
Relógio Eterna Matic
Com 24 rubis
Pontual a toda hora.

Se ouve página sonora
Na voz de Ângela Maria
"— Será que sou feia?
— Não é não senhor!

Jessier Quirino

Mulheres falam: "Passando,
Que é pra não enganchar!"
"Achou ruim dê um jeitim!"
"Pise na flor e amasse!"
E AI e POFE! e quizila
Mas o homem não cochila
Passa o pano com o olhar
Se ela toma Postafen
Que é pra bunda aumentar
Ele empina o polegar
Faz sinal de "tudo X"
E sai dizendo "Ô Maré!
Todo boy, mancando o pé
Insistindo em conquistar.

No passado tem remédio
Pra quando se precisar
Lá tem Doutor de família
Que tem prazer de curar
Lá tem Água Rubinat
Mel Poejo e Asmapan
Bromil e Capivarol
Arnica, Phimatosan
Regulador Xavier
Tem Saúde da Mulher
Tem Aguardente Alemã
Tem também Capiloton
Pentid e Terebentina
Xarope de Limão Brabo
Pílulas de Vida do Dr. Ross
Tem também aqui pra nós
Uma tal Robusterina
A saúde feminina.

Vou-me embora pro passado
Pra não viver sufocado
Pra não morrer poluído
Pra não morar enjaulado
Lá não se vê violência
Nem droga nem tanto mau
Não se vê tanto barulho
Nem asfalto nem entulho
No passado é outro astral
Se eu tiver qualquer saude
Escreverei pro presente
E quando eu estiver cansado
Da jornada, do batente
Terei uma cama Patente
Daquelas do selo azul
Num quarto calmo e seguro
Onde ali descansarei

Lá tem meninas "quebrando"
Ao cruzar com um rapaz
Elas cheiram a Pó de Arroz
Da Cachemere Bouquet

Tem também Mamãe Dolores
Marcelino Pão e Vinho
Tem Bat Masterson, tem Lesse
Túnel do Tempo, tem Zorro

— Então eu sou linda?
— Você é um amor!..."
Quando não querem a paquera

Lá sou amigo do rei
Lá tem muito mais futuro
Vou-me embora pro passado...

Disponível em < http://www.releituras.com/jessierq_passado.asp >

APÊNDICE V

Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – Prata

Professor (a): Ana Lídia

Estagiários: Joab, Luciana e Maria do Carmo

Vou-me Embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada	Pra me contar as histórias
Lá sou amigo do rei	Que no tempo de eu menino
Lá tenho a mulher que eu quero	Rosa vinha me contar
Na cama que escolherei	Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada	Em Pasárgada tem tudo
Vou-me embora pra Pasárgada	É outra civilização
Aqui eu não sou feliz	Tem um processo seguro
Lá a existência é uma aventura	De impedir a concepção
De tal modo inconseqüente	Tem telefone automático
Que Joana a Louca de Espanha	Tem alcaóide à vontade
Rainha e falsa demente	Tem prostitutas bonitas
Vem a ser contraparente	Para a gente namorar
Da nora que nunca tive	E quando eu estiver mais triste
E como farei ginástica	Mas triste de não ter jeito
Andarei de bicicleta	Quando de noite me der
Montarei em burro brabo	Vontade de me matar
Subirei no pau-de-sebo	— Lá sou amigo do rei —
Tomarei banhos de mar!	Terei a mulher que eu quero
E quando estiver cansado	Na cama que escolherei
Deito na beira do rio	Vou-me embora pra Pasárgada.
Mando chamar a mãe-d'água	

Manuel Bandeira

Disponível em < http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp >

APÊNDICE VI

Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – Prata

Professor (a): Ana Lúcia

Estagiários: Joab, Luciana e Maria do Carmo

Proposta de atividade

Leia os três fragmentos abaixo dos textos já lidos e discutidos em sala de aula: Vou-me Embora pra Pasárgada, de Manuel Bandeira; Vou-me embora pro passado, de Jessier Quirino; e Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos. Em seguida, escreva um texto de análise mostrando as possíveis semelhanças e diferenças entre eles, visando elementos como: a temática, o direcionamento da temática, o estado de espírito do “eu” que se expressa no poema. (O verso da folha pode ser utilizado.)

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

Manuel Bandeira

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
[...]
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

VOU-ME EMBORA PRO PASSADO

Jessier Quirino

Vou-me embora pro passado
Lá sou amigo do rei
Lá tem coisas "daqui, ó!"
Roy Rogers, Buc Jones
Rock Lane, Dóris Day
Vou-me embora pro passado.
[...]

Vou-me embora pro passado
Que o passado é bom demais!
Lá tem meninas "quebrando"
Ao cruzar com um rapaz
Elas cheiram a Pó de Arroz
Da Cachemere Bouquet
Coty ou Royal Briar
Colocam Rouge e Laquê
English Lavanda Atkinsons
Ou Helena Rubinstein
Saem de saia plissada
Ou de vestido Tubinho
Com jeitinho encabulado
Flertando bem de fininho.

VIAGEM A "SÃO SARUÊ"

Manoel Camilo dos Santos

"Doutor mestre pensamento"
me disse um dia: - Você
Camilo, vá visitar
o país "São Saruê"
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.
[...]

Lá tem um rio chamado:
o banho da mocidade,
onde um velho de cem anos
tomando banho e vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

Apêndice VII

Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpídio de Almeida – Prata

Professor (a): Ana Lúcia

Estagiários: Joab, Luciana e Maria do Carmo

Música: Além do horizonte

Compositor: Erasmo Carlos / Roberto Carlos Versão: Jota Quest

Além do Horizonte	De que vale
Existe um lugar	O paraíso sem o amor...
Bonito e tranquilo	Se você não vem comigo
Pra gente se amar...	Tudo isso vai ficar
La LaraLaraLaraLara Lala	No horizonte esperando
La LaráLaráLaraLara Larala	Por nós dois...
La LaraLaraLaraLara Lala	Além do horizonte
La LaraLaraLaraLara Larala...	Existe um lugar
Além do horizonte deve ter	Bonito e tranquilo
Algum lugar bonito	Pra gente se amar...
Pra viver em paz	La Laralaralaralara Lala
Onde eu possa encontrar	La Laralaralaralara Larala
A natureza	La Laralaralaralara Lala
Alegria e felicidade	La Laralaralaralará Larala...
Com certeza...	Se você não vem comigo
La nesse lugar	Nada disso tem valor
O amanhecer é lindo	De que vale
Com flores festejando	O paraíso sem amor...
Mais um dia que vem vindo...	Se você não vem comigo
Onde a gente pode	Tudo isso vai ficar
Se deitar no campo	No horizonte esperando
Se amar na relva	Por nós dois...
Escutando o canto	Além do horizonte
Dos pássaros...	Existe um lugar
Aproveitar a tarde	Bonito e tranquilo
Sem pensar na vida	Pra gente se amar...
Andar despreocupado	La LaraLaraLaraLara Lala
Sem saber a hora	La LaraLaraLaraLara Larala
De voltar...	La LaraLaraLaraLara Lala
Bronzear o corpo	La LaraLaraLaraLara Larala
Todo sem censura	La LaraLaraLaraLara Lala
Gozar a liberdade	La LaraLaraLaraLara Larala
De uma vida	La LaraLaraLaraLara Lala
Sem frescura...	La LaraLaraLaraLara Lala
Se você não vem comigo	La LaraLaraLaraLara Larala..
Nada disso tem valor	